

Revista  **Aeronáutica**

ISSN 0486-6274

Número **289**
2015



PRESIDENTE

Maj Brig Ar Marcus Vinicius Pinto Costa

1º Vice-Presidente

Brig Int Helio Gonçalves

2º Vice-Presidente

Cel Av Luís Mauro Ferreira Gomes

www.caer.org.br
revista@caer.org.br



ISSN 0486-6274

SUPERINTENDÊNCIAS

Sede Central

Cel Av Pedro Bittencourt de Almeida

Sede Barra

Brig Ar Paulo Roberto de Oliveira Pereira

Sede Lacustre

Cel Int Antonio Teixeira Lima

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente - Ten Brig Ar Paulo Roberto Cardoso Vilarinho

CONSELHO FISCAL

Presidente - Maj Brig Int Pedro Norival de Araújo

DEPARTAMENTOS

SEDE CENTRAL

Administrativo/Beneficente

Cel Av João Carlos Gonçalves de Sousa

Cultural

Cel Av Araken Hipolito da Costa

Comunicação Social

Ten Cel QFO Ana Elisa Jardim de Mattos A. de Melo

Centro de Tecnologia e Informação – CTI

Ten Cel Int Franklin José Maribondo da Trindade

Financeiro

Cel Int Júlio Sérgio Kistemarcher do Nascimento

Jurídico

Dr. Francisco Rodrigues da Fonseca

Patrimonial / Secretaria Geral

Cap Adm Ivan Alves Moreira

Social

Ten Cel Int José Pinto Cabral

SEDE BARRA

Aerodesportivo

Maj Av Helius Ferreira Araújo

Esportivo

Brig Ar Paulo Roberto de Oliveira Pereira

Operações

Ten Cel Av José Carlos da Conceição

Assessores

Administração e Pessoal - Cel Av Luiz dos Reis Domingues

Infraestrutura e Especial - Ten Cel Av Alfredo José Crivelli Neto

Financeiro - Cel Av Paulo Roberto Miranda Machado

Aerodesportivo - Loreta Helena Valério Alves

Expediente

Jan. a Mar.

2015

Sede Central

Praça Marechal Âncora, 15
Rio de Janeiro - RJ - CEP 20021-200

• Tel.: (21) 2210-3212

3ª a 6ª feira de 9h às 12h e 13h às 17h

Sede Barra

Rua Raquel de Queiroz, s/nº
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22793-710

• Tel.: (21) 3325-2681

Sede Lacustre

Estrada da Figueira, nº 1
Arraial do Cabo - RJ - CEP 28930-000

• Tel.: (22) 2662-1510

REVISTA DO CLUBE DE AERONÁUTICA

Tel.: (21) 2220-3691

Diretor e Editor

Cel Av Araken Hipolito da Costa

Conselho Editorial

Maj Brig Ar Marcus Vinicius Pinto Costa
Brig Int Helio Gonçalves
Cel Av Luís Mauro Ferreira Gomes
Cel Av Araken Hipolito da Costa

Jornalista Responsável

J. Marcos Montebello

Produção Editorial e Design Gráfico

Rosana Guter Nogueira

Produção Gráfica

Luiz Ludgerio Pereira da Silva

Revisão

Dirce Brízida

Secretárias

Juliana Helena Abreu Lima

Gabriela da Hora Rangel

Isis Ennes Pestana Santos

As opiniões emitidas em entrevistas e em matérias assinadas estarão sujeitas a cortes, no todo ou em parte, a critério do Conselho Editorial. As matérias são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião da revista. As matérias não serão devolvidas, mesmo que não publicadas.



Lançamento
de bombas

Índice

4 MENSAGEM DO PRESIDENTE
Maj Brig Ar Marcus Vinicius Pinto Costa

6 NOTÍCIAS DO CAER
Redação

10 1964 - UM TESTEMUNHO
Fernão Lara Mesquita
Jornalista

12 MINHAS IRRITAÇÕES COM
A PRESIDENTE
Ives Gandra da Silva Martins
Jurista

14 A FALÊNCIA ECONÔMICA
E MORAL DE UMA NAÇÃO
Gen Bda Valmir Fonseca Azevedo Pereira

16 A DEMARCAÇÃO DA RESERVA
RAPOSA SERRA DO SOL
Manoel Gontijo
Relações Internacionais

18 CALIFADO ISLÂMICO
Manuel Cambeses Júnior
Cel Av

20 EU SOU INCONFIDÊNCIA!
Luís Mauro Ferreira Gomes
Cel Av

22 SONHOS
Brig Ar Tarso Magnus da Cunha Frota

26 ARRANJOS E DESARRANJOS
DA DEFESA NACIONAL
Afonso Farias de Souza Jr.
Cel Int

28 LEALDADE E TRAIÇÃO
Jonas Alves Corrêa
Cel Av

30 INSURREIÇÕES NO BRASIL
Joselauro Justa de Almeida Simões
Cel Inf Ex

32 MENSAGEM DE ADEUS
Maj Brig Ar Lauro Ney Menezes

34 COMO NASCEU A BOLACHA
DE INSTRUTOR DE VOO DA ACADEMIA
DA FORÇA AÉREA
Brig Ar Carlos Geraldo dos Santos Porto

36 NO TOPO
Pasqual Mendonça
Cel Av

38 SALDO DE 3/4 DE T-6,
A MEU FAVOR
Wilson R. M. Krukoski
Cel Av

40 ESTÉTICA DO DESMORONAMENTO
Bolívar Torres
Jornalista

42 O CONHECIMENTO
E A COMPETÊNCIA
Ozires Silva
Cel Av e Engenheiro

44 USINAS TERMELÉTRICAS DEVEM
SER A BASE DO SISTEMA ELÉTRICO
BRASILEIRO
Ailton de Mesquita Vieira
Engenheiro

46 ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE
DE LETRAS
Diolásia Cheriegate
Jornalista

48 QUANDO DEUS NÃO QUER...
Ivan de Lanteuil
Maj Av

Baixe um leitor de QR code
em seu celular, fotografe
o código ao lado e você
poderá ler, fazer *download*
ou compartilhar esta
revista pela internet.



Despede-se o Comandante, fica o Amigo!

Maj Brig Ar Marcus Vinicius Pinto Costa
Presidente do Clube de Aeronáutica

Em 30 de janeiro próximo passado, fomos a Brasília assistir à cerimônia de passagem do cargo de Comandante da Aeronáutica. Despedia-se o Ten Brig Ar Juniti Saito e assumia a honrosa função o também Ten Brig Ar Nivaldo Luiz Rossato.

Enquanto transcorria a solenidade, meditamos sobre como foi exitosa a administração do Brigadeiro Saito. Revelando incomparável discernimento e paciência, soube esperar, sem jamais desistir, fazendo lograr o que parecia impossível: cumprir todas as principais metas que se atribuiu.

Com grande habilidade, soube equilibrar a condição de membro do Governo com seu compromisso com a Força Aérea e com o Brasil.

Poderíamos citar um sem-número de realizações, mas nos fixaremos apenas em algumas que consideramos mais relevantes, pelas quais será eternamente reconhecido pela Instituição que comandou:

1. A forma brilhante como enfrentou problemas em setores da Aeronáutica, cuja solução, mesmo respeitando a legalidade, contrariou simpatias ideológicas, para preservar os princípios basilares da Hierarquia e da Disciplina;

2. A definição dos aviões de caça de última geração, Gripen, como recomendado nos estudos feitos pelo seu Estado-Maior, para reequiparem a Força Aérea Brasileira, depois de anos de expectativas frustradas;

3. O primeiro voo, em 3 de fevereiro, do protótipo do KC-390, aeronave desenvolvida pela Embraer, com apoio



do Governo brasileiro, principalmente, da Aeronáutica, o qual suprirá as nossas necessidades de Transporte Aéreo, Transporte de Tropas, Reabastecimento em Voo e Busca e Salvamento, dentre outras, nos próximos anos;

4. A substituição dos canadenses C-115 Búfalo, desativados pela aeronave C-295 Casa, de fabricação espanhola;

5. A aquisição e a revitalização das aeronaves de Patrulha P-3 Orion;

6. O reequipamento do GTE; e

7. Diversos empreendimentos na área social.

O Brigadeiro Saito é Sócio Benemérito do Clube de Aeronáutica e sempre participou dos momentos importantes da vida do Clube, não poupando esforços para nos ajudar, dentro dos limites legais e regulamentares. Prova disso, é mais uma das realizações de sua administração, a assinatura de Convênios entre os Comandos Aéreos Regionais e a nossa Associação, para a criação do Sistema de Clubes de Oficiais da Força Aérea

(SCOFA). O primeiro desses convênios, com o III COMAR, em processo de conclusão, deverá ser assinado brevemente.

Por tudo isso, estamos seguros de que o Brigadeiro Saito continuará a participar intensamente das nossas atividades, e podemos afirmar, com plena convicção, de que se retirou o Comandante, mas permaneceu o amigo.

Como último legado, deixou-nos, ainda, outro amigo no Comando da Aeronáutica. O Brigadeiro Rossato, sócio do Clube há mais de 30 anos, muito tem contribuído para o sucesso dos nossos eventos, tendo participado, até mesmo, das viagens do Grupo de Estudo do Pensamento Brasileiro e feito conferências no Curso do Pensamento Brasileiro, duas de nossas principais atividades culturais.

Aos Brigadeiros Saito e Rossato desejamos muita felicidade na nova fase de vida que ora iniciam, e garantimos o total apoio do Clube de Aeronáutica em tudo o que nos for possível.

Aqui, serão sempre muito bem-vindos! ■

Mensagem do Presidente

NOTÍCIAS do CAER

POSSE DO NOVO COMANDANTE DA AERONÁUTICA

O **Ten Brig Ar Nivaldo Luiz Rossato** assumiu o comando da Aeronáutica no dia 30 de janeiro. A cerimônia militar foi realizada na Base Aérea de Brasília. O oficial-general é agora o primeiro militar na cadeia de comando da Força Aérea Brasileira, cargo ocupado, até então, pelo Ten Brig Ar Juniti Saito. A solenidade foi presidida pelo Ministro da Defesa, Jaques Wagner, e contou com presença de autoridades do poder legislativo, executivo e judiciário, além de Comandantes de Forças Aéreas estrangeiras e dos Comandantes da Marinha e do Exército.

Com 46 anos de carreira, o Ten Brig Rossato foi designado para o cargo pela Presidente Dilma Rousseff no último dia 7 de janeiro. O oficial-general já comandou diversas Unidades operacionais da FAB, como o Comando-Geral de Operações Aéreas (COMGAR), o Quinto Comando Aéreo Regional (V COMAR) e a Terceira Força Aérea (III FAE). Foi adido aeronáutico na Venezuela e realizou o curso de comando e controle

na Força Aérea Francesa. Possui mais de 3.500 horas de voo em oito tipos de aeronaves, entre elas o T-23 Uirapuru, AT-26 Xavante, P-95 Bandeirante Patrulha e C-115 Búfalo.

Em discurso, o Ten Brig Rossato agradeceu a confiança da Presidente Dilma Rousseff. “É muita honra ter sido indicado para comandar a instituição que tem sido a minha vida há 46 anos”. O novo comandante destacou que a Força Aérea está cada vez mais amparada na capacidade dos militares e na tecnologia existente. “Diversos projetos fundamentam, efetivamente, nossas capacidades, como a aquisição dos caças Gripen NG, o desenvolvimento e produção do KC-390 e a implementação do Programa Estratégico de Sistemas Espaciais”, afirmou.

Disse ainda para quem as ações da Força Aérea devem ser orientadas. “Somos depositários da confiança e do respeito de cada cidadão brasileiro. E é para eles que as nossas ações devem ser orientadas”, finalizou.



Da esquerda para a direita: o ex-Comandante da Aeronáutica - Ten Brig Ar Juniti Saito, o Ministro da Defesa - Jaques Wagner, e o novo Comandante da Aeronáutica, Ten Brig Ar Rossato



Da esquerda para a direita: Cel Av Luís Mauro Ferreira Gomes - 2º Vice-presidente do CAER, Brig Int Helio Gonçalves - 1º Vice-Presidente do CAER, Ten Brig Ar Nivaldo Luiz Rossato - Comandante da Aeronáutica, Maj Brig Ar Marcus Vinícius Pinto Costa - Presidente do Clube de Aeronáutica



Foto Gabriel Netto

PENSAMENTO BRASILEIRO HOMENAGEIA O



NOVO COMANDANTE DA AERONÁUTICA

Prestamos nosso preito de admiração e sincera amizade ao novo Comandante da Aeronáutica, o qual foi nosso companheiro de viagem na visita à Amazônia Oriental do IV Curso do Pensamento Brasileiro.

Sua simplicidade é, realmente, notável.

Na última fileira, de pé, estão, da esquerda para a direita, o segundo colocado o Presidente do CAER Maj Brig Ar Vinicius; em 6º, o 1º Vice-Presidente, Cel Av Luís Mauro; em 8º, o 2º Vice-Presidente, Brig Int Gonçalves; e, em 22º, o Ten Brig Ar Nivaldo Luiz Rossato, nosso novo Comandante.

REUNIÃO INTERTURMAS

Mais 44 fabianos reúnem-se na Sede Barra



Há algum tempo vários amigos, contemporâneos da antiga Escola de Aeronáutica, resolveram se reunir para uma cerveja gelada e lembrar antigas passagens alegres, ocorridas ao longo dos anos nos Afonsos, e em outras Unidades por onde passaram.

O local escolhido foi a Sede Social do Clube de Aeronáutica.

Logo se notou que melhor seria fazermos o encontro/almoço na Sede Barra, pois facilitaria o deslocamento de muito mais amigos. Hoje, “todos os caminhos levam à Barra...” e assim, foi aumentando o número de adeptos. A intenção é agregar o maior número de colegas das diversas turmas. Ao longo de nossas carreiras, servimos em várias Unidades e alimentamos muitas amizades, sólidas e duradouras, que devem ser lembradas sempre e o melhor local para isso é o nosso Interturmas.

Todas as segundas quartas-feiras de cada mês nos reunimos a partir de 12h15, na Sede da Barra, para passarmos momentos alegres, falarmos de política, de futebol, ouvir piadas, enfim, abraçar os antigos amigos. Em fevereiro passado, estiveram presentes 44 “fabianos”.

Os residentes no Rio de Janeiro, sempre que puderem, compareçam ao Interturmas. Já os moradores de outros Estados, quando estiverem de passagem pelo Rio, abram um espaço na agenda e vão rever antigas amizades.

MENSAGEM DOS LEITORES

Gen Ex Luis Carlos Gomes de Mattos – Ministro do STM

Agradecendo a remessa da Revista Aeronáutica e cumprimentando pelo excelente trabalho que, com certeza, terá merecido sucesso.

Ministro Artur Vidigal de Oliveira – Ministro do STM

Agradece ao Departamento Cultural o gentil oferecimento do exemplar e cumprimentando-o pela qualidade das matérias nela publicadas.

Ten Brig Ar Cleonilson Nicácio Silva – Ministro do STM

Agradecendo a deferência da remessa da Revista Aeronáutica, parabenizando o Diretor Cultural pelo trabalho realizado e formulando notas de continuado sucesso.

Ricardo Lewandowski – Ministro Presidente do STF

Acusando o recebimento e apresentando seu agradecimento pelo gentil envio da Revista Aeronáutica, cumprimentando, atenciosamente, o Diretor do Departamento Cultural do CAER.

Amora Vieira Cavalcante – Escritório de Projetos CTGÁS – ER – Centro de Tecnologias do Gás e Energias Renováveis – Consórcio SENAI – Petrobrás em Natal/RN – Brasil

Apresentando grande satisfação pelo recebimento de um exemplar da Revista Aeronáutica e parabenizando pela qualidade técnica e pelo excelente conteúdo. Agradece, em nome do CTGÁS-ER, o carinho, afirmando ter sido uma grande oportunidade ter recebido os representantes do Curso do Pensamento Brasileiro – CPB – nas instalações daquela Organização, reiterando que o intercâmbio de informações e experiências é sempre benéfico.

Retifica, porém, que, na matéria sobre o CTGÁS-ER, recebeu a menção de Diretora Executiva mas, à época, estava representando a Diretora Cândida Amália Aragão, mas era assessora técnica. Despede-se registrando que a organização estará sempre à disposição e que registra os cumprimentos de estima e consideração.

Renata Araujo in nomine Daniele Del Giudice – Chefe da Divisão de Depósito Legal da Fundação Biblioteca Nacional do Ministério da Cultura

Assinalando o recebimento do material enviado àquela Organização – Revista Aeronáutica – revista@caer.org.br – conforme listagem anexa, em cumprimento à legislação vigente de Depósito Legal. Agradece a importante contribuição para a preservação e a guarda da produção intelectual nacional. Despede-se atenciosamente.

NOTA DO EDITOR

Agradecemos as manifestações dos leitores, estendendo nossa gratidão aos colaboradores, que valorizam as nossas edições, deixando-lhes espaço aberto para o envio de textos.

1964 Um testemunho

Fernão Lara Mesquita
Jornalista

Para entender o que aconteceu em 64 é preciso lembrar o que era o mundo naquela época.

Um total de 30 países, parando na metade da Alemanha de hoje, havia sido engolido pela Rússia comunista por força militar. Invasão mesmo, que instalava um ditador que atuava sob ordens diretas de Moscou. Todos os que tentaram escapar, como a Hungria em 56, a Checoslováquia em 68, a Polônia em 80 e outros, sofreram novas invasões e massacres.

E tinha mais a China, o Vietnã, o Camboja, a Coreia do Norte, etc., na Ásia, onde houve verdadeiros genocídios. Na África era Cuba que fazia o papel que os russos fizeram na Europa, invadindo países e instalando ditadores no poder.

As ditaduras comunistas, todas elas, fuzilavam sumariamente quem falasse contra esses ditadores. Não era preciso agir, bastava falar para morrer, ou nem isso. No Camboja um quarto de toda a população foi executado pelo ditador Pol Pot entre 1975 e 1979, sob os aplausos da esquerda internacional e da brasileira.

Os países onde não havia ditaduras como essas viviam sob ataques de grupos terroristas que as apoiavam e assassinavam e mutilavam pessoas a esmo detonando bombas em lugares públicos ou fuzilando gente desarmada nas ruas.

As correntes mais radicais da esquerda brasileira treinavam guerrilheiros em Cuba desde antes de 1964. Quando João Goulart subiu ao poder com a renúncia de Jânio Quadros, passaram a declarar abertamente que era nesse clube que queriam enfiar o Brasil.

64 foi um golpe de civis e militares brasileiros que lutaram na Segunda Guerra Mundial e derrubaram a ditadura de Getúlio Vargas, para impedir que o ex-ministro do Trabalho de Vargas levasse o País para

onde ele estava prometendo levá-lo, apesar de se ter tornado presidente por acaso. Tratava-se portanto, de evitar que o Brasil entrasse num funil do qual não havia volta, e por isso tanta gente boa entrou nessa luta e a maioria esmagadora do povo, na época, a apoiou.

A proposta do primeiro governo militar era só limpar a área da mistura de corrupção com ideologia que, aproveitando-se das liberdades democráticas, armava um golpe de dentro do sistema para extingui-las de uma vez por todas, e convocar novas eleições para devolver o poder aos civis.

Até outubro de 65, um ano e meio depois do golpe, seguindo o combinado, os militares tinham-se limitado a cassar o direito de eleger e de ser eleito, por dez anos, de 289 pessoas, incluindo 5 governadores,

11 prefeitos e 51 deputados acusados de corrupção mais que de esquerdismo.

Ninguém tinha sido preso, ninguém tinha sido fuzilado, ninguém tinha sido torturado. Os partidos políticos estavam funcionando, o Congresso estava aberto e houve eleições livres para governador e as presidenciais estavam marcadas para a data em que deveria terminar o mandato de Jânio Quadros.

O quadro só começou a mudar quando em outubro de 65, diante do resultado da eleição para governadores, o Ato Institucional nº 2 (AI-2) extinguiu partidos, interferiu no Judiciário e tornou indireta a eleição para presidente. Foi nesse momento que o

a edição do AI-5. Aí é que começaria a guerra. Mas os militares só aceitaram essa guerra depois do 19º assassinato cometido pela esquerda armada.

Foi a esquerda armada, portanto, que deu o pretexto para a chamada “linha dura” militar tomar o poder e a ditadura durar 21 anos, tempo mais que suficiente para os trogloditas de ambos os lados começarem a gostar do que faziam quando puxavam gatilhos, acendiam pavios ou aplicavam choques elétricos.

A guerra é sempre o paraíso dos tarados e dos psicopatas e aqui não foi diferente.

No cômputo final, a esquerda armada matou 119 pessoas, a maioria das quais desarmada e que nada tinha que ver com a guerra dela; e os militares mataram

429 “guerrilheiros”, segundo a esquerda, 362 “terroristas”, segundo os próprios militares. O número e as qualificações verdadeiras devem estar em algum lugar no meio dessas diferenças.

Uma boa parte dos que caíram morreu atirando, de armas na mão; outra parte morreu na tortura, assassinada ou no fogo cruzado.

Está certo: não deveria morrer ninguém depois de rendido, e morreu. E assim como morreram culpados de crimes de sangue, morreram inocentes. Eu mesmo tive vários deles escondidos em nossa casa, até no meu quarto de dormir, e já jornalista contribuí para resgatar outros tantos. Mas isso é o que acontece em toda guerra, porque guerra é, exatamente, a suspensão completa da racionalidade e do respeito à dignidade humana.

O total de mortos pelos militares ao longo de todos aqueles 21 “anos de chumbo” corresponde mais ou menos ao que morre assassinado em pouco mais de dois dias e meio neste nosso Brasil “democrático” e “pacificado” de hoje, onde se matam 50 mil por ano.

Há, por enquanto, 40.300 pessoas vivendo de indenizações por conta do que elas ou seus parentes sofreram na ditadura, todas do lado da esquerda. Nenhum dos parentes dos 119 mortos pela esquerda armada, nem das centenas de feridos, recebeu nada desses R\$ 3,4 bilhões que o Estado andou distribuindo.

Enfim, esse é o resumo dos fatos nas quantidades e na ordem exatas em que aconteceram, do que dou fé porque estava lá. E deixo registrado para os leitores que não viveram aqueles tempos compararem com o que andam vendo e ouvindo por aí e tirarem suas próprias conclusões sobre quanto desse barulho todo corresponde a sentimentos e intenções honestas ■

Minhas irritações com a Presidente

Ives Gandra da Silva Martins

Advogado - Jurista

martins.ivesgandra@gmail.com

Em 16 de março de 2011, escrevi para a Folha de São Paulo artigo em que apoiava a Presidente Dilma e seu Vice, Michel Temer – meu confrade em duas Academias e companheiro de conferências universitárias – pelas ideias apresentadas para combate à corrupção e promoção do desenvolvimento nacional.

Como mero cidadão, não ligado a qualquer partido ou governo, tenho, quatro anos depois, o direito de expressar minha irritação com o fracasso de seu governo e com as afirmações não verdadeiras de que o Brasil, economicamente, é uma maravilha e que seu governo é o paladino da luta contra a corrupção.

Começo pela corrupção. Não é verdade que, graças a ela, os 8 anos de assalto à maior empresa do Brasil, estão sendo rigorosamente investigados. Se quisesse mesmo fazê-lo, teria apoiado a CPI para apurar os fantásticos desvios, no Congresso Nacional.

A investigação se deve à independência e à qualidade da Polícia e do Ministério Público Federais que agem com autonomia e não prestam vênias aos detentores do poder. Nem é verdade que demitiu o principal diretor envolvido. Este, ao pedir demissão, recebeu alcandorados elogios pelos serviços prestados!!!

Por outro lado, não é verdade que a economia vai bem. Vai muito mal. Os recordes sucessivos de baixo crescimento, culminando, em 2014, com um PIB previsto em 0,3% pelo FMI, demonstram que seu Ministro da Fazenda especializou-se em nunca acertar prognósticos.

Acrescente-se que também não é verdade que controla a inflação, pois, se o PIB baixo decorresse de austeridade fiscal, estaria ela sob controle. O teto das metas, arranhado permanentemente, demonstra que a presidente gerou um baixo PIB e alta inflação.

Adotando a pior das formas de seu controle, que é o congelamento de tarifas, afetou a Petrobrás e a Eletrobrás, fragilizando o setor energético, além de destruir a indústria de etanol, sem perceber que desde Hamurabi (em torno de 1700 a.C.) e Deocleciano (301 d.C.) o controle de preços, que fere as leis da economia de mercado, fracassou, como se vê nas economias argentina e venezuelana, que estão em frangalhos.

O mais curioso é que o Plano Real, que tanto foi combatido por Lula e pelo PT, é o que ainda dá alguma sustentação à Presidência.

Em matéria de comércio internacional, os governos anteriores aos atuais conseguiram expressivos saldos na balan-

ça comercial, que foram eliminados pela Presidente Dilma. Apenas com artimanhas de falsas exportações é que conseguiu obter inexpressivos saldos. Do “superávit primário” nem vale a pena falar, pois os truques contábeis são tantos, que, se qualquer empresa privada os fizesse, teria autos de infração elevadíssimos.

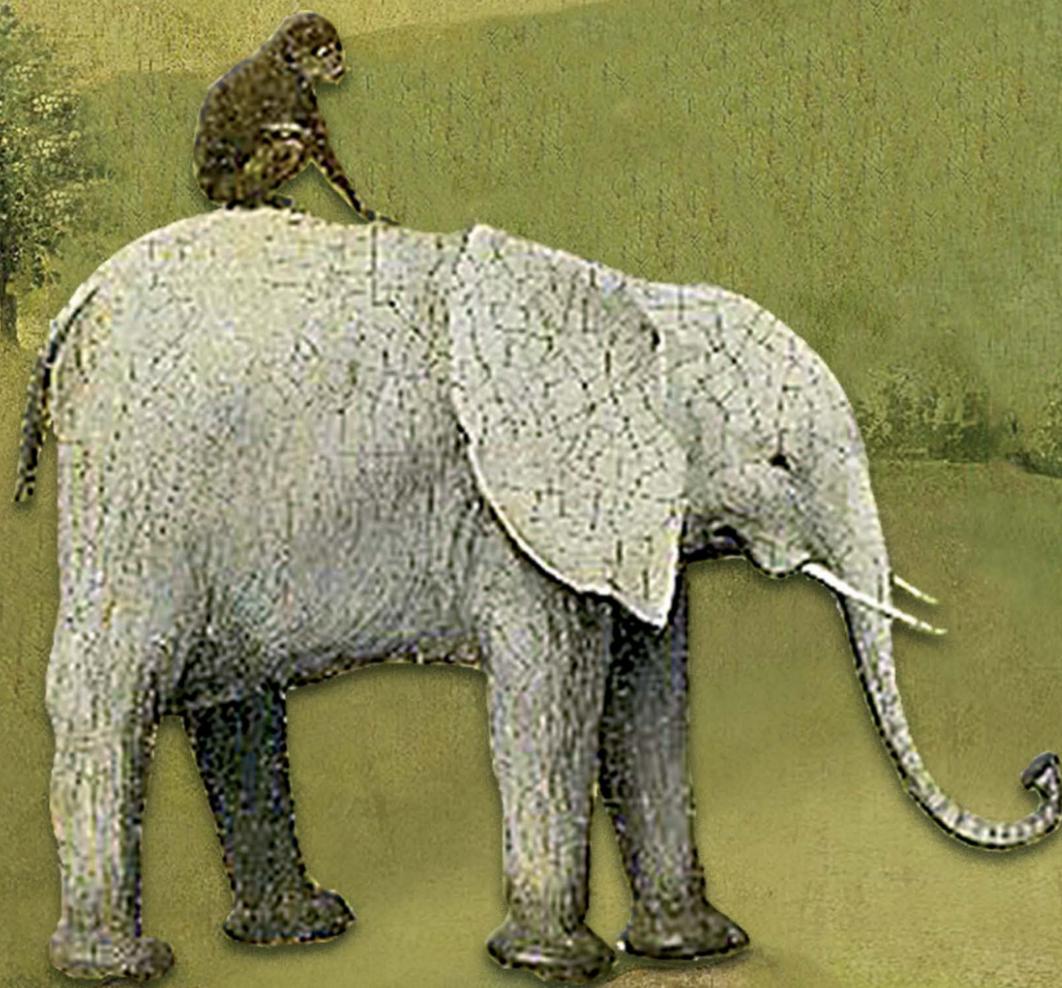
Seu principal eleitor (o Programa Bolsa Família) consome apenas 3% da receita tributária. Os 97% restantes são desperdiçados entre 22.000 comissionados, 39 Ministérios, obras superfaturadas, na visão do Tribunal de Contas, e incompletas.

Tenho, pois, como cidadão que elogiou S. S^a, no início – para mim, S. Ex^a é o cidadão, a quem a presidente deve servir – o direito, no fim de seu governo, de mostrar a minha profunda decepção com o desastre econômico que gerou e que me preocupa ainda mais, por culpar os que criam riqueza e empregos, em discurso que pretende, no estilo marxista, promover o conflito entre ricos e pobres.

Gostaria, neste artigo – ao lembrar as palavras de apoio daquele que escrevi neste mesmo jornal há 4 anos – dizer que, infelizmente, o fracasso de seu projeto reduziu o país a um mero exportador de produtos primários, tornando este governo um desastre econômico ■



A Falência Econômica e Moral de uma Nação



A origem de um Estado, até um analfabeto sabe. Existe um território ocupado por um povo, que decide legitimar-se como uma entidade. Por isso, para criar um Estado, a população estabelece leis, que, julga, definirão o convívio de seus cidadãos.

Para tanto, uma consequência é a adoção de poderes, em geral três, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário, que, equilibradamente, irão conduzir os destinos do Estado.

Evidentemente, surgem os ônus financeiros para a manutenção dos recursos humanos necessários à rotina burocrática e, também, para as obras e uma série de medidas que deverão ser adotadas em prol do bem-comum.

Assim, escolas, hospitais, estradas, postos fronteiriços, segurança interna, segurança externa, prisões e uma infindável relação de atividades, algumas de altos custos, são necessárias ao estabelecimento e à preservação do que foi construído.

É oportuno lembrar que a população cresce e as necessidades, inclusive as materiais, que devem acompanhar a demanda, e serem melhoradas em decorrência de seu desgaste e das evoluções da tecnologia, da engenharia, da medicina e, assim por diante, também, ou seja, um Estado custa caro, ainda que os seus gastos sejam bem administrados e sem roubalheiras.

Daí a contribuição de cada um por meio de impostos, que serão destinados à gestão da coisa pública e aos salários de seus funcionários.

Até aqui, elementar, meu caro Watson.

Hoje no Brasil, além dos custos com o Estado em si, incluindo um batalhão de apadrinhados políticos e das obras necessárias aos seus cidadãos, existe a

sobrecarga da esmola em prol do voto, ou seja, cabe a cada brasileiro, um óbice extra para a manutenção de bolsas e inúmeros benefícios para denominadas categorias (cor de pele, distorções sexuais, indígenas, quilombolas e um elenco de outras), que fornecem ao des-governo, o ferramental para promover as dicotomias.

Sem contar o perdão de dívidas de países *cumpanheiros* e os empréstimos ou esmolas do BNDES para outras nações impregnadas do socialismo festeiro, conforme determinação do Foro de São Paulo, que já destacamos como o maior poder no atual desgoverno nacional.

Para quem não sabe, o segundo Poder é o Executivo e o terceiro é o PT.

Na prática, podemos concluir que, se os gastos com outros destinos, que não os destinados ao usufruto da população, forem excessivos, faltarão os recursos destinados às necessidades nacionais, objetivo primeiro da criação do Estado.

Consta que o BNDES, cujos recursos são extraídos do Tesouro Nacional – que por sua vez vive dos impostos que a população paga – financia vinte obras para outros países *amigos*, envolvendo somas monumentais.

Entre 2004 e 2014 existem empréstimos financeiros concedidos a diversos países *cumpanheiros*, cujos valores astronômicos não são informados aos contribuintes.

Hoje, nitidamente, pelo abandono das obras destinadas ao desenvolvimento e à implantação do que seria o bem-comum, entendemos que faltam os recursos para a sua execução.

Assistimos à derrocada da administração pública e, explicitamente, a má gestão dos recursos decorre por vários motivos: a dimensão da estrutura pública, tanto pelo número de ministérios,

secretarias e autarquias existentes, como o efetivo espantoso de funcionários, entre os quais, os milhares de cargos de confiança e similares.

Cumpre assinalar que, na área empregatícia, sendo admitidos os cupinchas e amigos ou parentes nos cargos públicos, em geral indivíduos incompetentes que ocupam lugares onde deveriam ser exigidos padrões de conhecimento e experiência, mas em uma demonstração de que a Nação pode ser espoliada, claramente, o princípio da meritocracia é jogado no lixo.

Ao sublinhar a nossa bancarrota econômica, não esqueçamos a hecatombe moral, e destacar que pelo andar da carruagem, além da falta de cidadania, faltarão bolo para todos.

Doravante, o desgoverno usará de todos os subterfúgios para arrecadar o máximo da população. Uma delas é através das multas de trânsito, que a maioria da população desconhece que o grandioso recolhimento não vai para minimizar os acidentes nas ruas e estradas, mas é utilizado para cobrir os gastos desenfreados da sua incompetente gestão.

Hoje o valor das multas foi aumentado astronômicamente e soa no ouvido dos idiotas como uma medida *politicamente correta*, devido à preocupação que este desgoverno tem para com o bem-estar do populacho.

Para quem não sabe a nossa energia é a mais cara do mundo e o nosso combustível, também; e, para piorar, brevíssimo, a gasolina e o diesel sofrerão mais um aumento. Isso significa que o que já era ruim, ficará bem pior.

É de chorar de alegria, portanto, saber que nos próximos quatro anos não mudará nem a M..., nem as moscas.

E viva a manipulação da democracia, que permite que mergulhemos de cabeça no comunismo ■

A DEMARCAÇÃO DA RESERVA

o papel da ideologia ambientalista e a atuação

As nações não têm amigos ou aliados permanentes, elas têm apenas interesses permanentes, dizia Lord Palmerston, primeiro-ministro inglês do século XIX. Esse pensamento não poderia ser mais verídico, como o caso da demarcação da reserva indígena Raposa Serra do Sol. A diferença, porém, é de paradigma político: enquanto o século retrasado vivia as relações internacionais baseadas em estados nacionais soberanos, o século corrente experimenta o declínio da proeminência estatal e a ascensão de atores semiestatais e irracionais, o que não significa, no entanto, o fim do Estado em si, mas a sua atuação em conjunto com outras organizações políticas.

Esse entendimento é vital para serem visualizadas as razões políticas e as influências por detrás da demarcação da reserva supracitada, pois permite a compreensão de uma política internacional que pode ser exercida também por atores não estatais e, estes, podem favorecer terceiros atores que, por ventura, são estados soberanos.

A ascensão de organizações internacionais, tribunais internacionais e organizações não governamentais nas últimas décadas do século passado é parte desse processo recente nas relações internacionais.

No caso tratado neste artigo, o da reserva Raposa Serra do Sol, é visível a atuação de atores não estatais, determinadas organizações não governamentais, todas ambientalistas, no intuito de se viabilizar por meio de influência a demarcação dessa reserva. A política não necessariamente depende de diplomacia coercitiva ou do poder militar, porque o poder, de acordo com Joseph Nye, não necessariamente é exercido por essas vias duras (*hard power*), mas pode efetivamente ser bem sucedido por meio de atração e cooptação, isto é, vias suaves (*soft power*). E foram essas formas polidas de política as usadas para influenciar a demarcação de Raposa Serra do Sol.

Citam-se ao menos três atos usados para proporcionar um ambiente favorável àquela demarcação, quais sejam: a criação do Conselho Indígena de Roraima, fundado

por meio de atuação direta de missionários estrangeiros, na década de 1960, e usado para agrupar as tribos indígenas da região em uma causa política que, ao menos nomeadamente, os favoreceria; em segundo lugar, o uso de um povo indígena nomeado *ianomâmi*, capaz de aglutinar as tribos da região, ainda que algumas das quais rivais entre si, e segregá-lo da História e do povo do Brasil; e, por fim, a cooptação de acadêmicos e políticos à causa ambientalista (indigenista), realizada ao longo de décadas por fundações internacionais que financiaram projetos acadêmicos e pós-graduados que, futuramente, vieram a se tornar renomados pesquisadores e líderes políticos, tais como Fernando Henrique Cardoso, presidente que contribuiu para o ocaso pela demarcação da reserva em seu governo, embora a problemática tenha sido iniciada quando o então presidente Fernando Collor efetivamente concedeu terras indígenas a tribos por influência do evento Rio 92, quando diversas organizações não governamentais de cunho ambientalista

RAPOSA SERRA DO SOL:

das organizações não governamentais

atuaram decisivamente para essa decisão. Mas foi definitivamente durante o Governo Luís Inácio que a reserva Raposa Serra do Sol foi promulgada por decreto presidencial à revelia de uma análise política patriótica.

Embora haja outras formas de influência e atuação, esses três exemplos ilustram uma atuação política minimamente, pelo menos em aparência, coordenada e planejada. Segundo relatório da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), citado em 2009, ano da demarcação da reserva, determinadas organizações não governamentais que recebem fundos provenientes do exterior em larga medida, como é publicamente divulgado, ditam políticas públicas de atuação e as demais implementam as ações práticas.

O ambientalismo, no sentido de doutrina política, isto é, aquele usado para fins políticos determinados, como falsa ciência, proporcionou o sedimento sobre o qual toda essa pressão e cooptação das organizações não governamentais ocorreriam. Não se fala aqui do verdadeiro ambientalismo, que visa ao bem-estar do homem e da

natureza conjuntamente, mas sim daquela forma de uso político desse pensamento, manipulado para atingir fins ideológicos. Aliado ao indigenismo, política que visa aos indígenas como objeto, o ambientalismo permitiu aos atores internacionais interessados mascarar as reais intenções por detrás dessa demarcação.

A Amazônia é uma das maiores fontes de riquezas naturais, biodiversidade e minérios, conhecidos pelo homem, e tem sido alvo de intervenções estrangeiras desde os tempos coloniais, mas tem sido defendida arduamente pelas Forças Armadas do Brasil. Especificamente Roraima, onde a reserva foi demarcada, é uma região rica em nióbio, ouro e diamante, e a mesma *coincidência* se repete em outros territórios indígenas: as riquezas naturais brasileiras ontem e hoje são o interesse por detrás das disfarçadas ajudas humanitárias concedidas aos indígenas da Amazônia.

Ao Estado e ao povo brasileiros, cabe uma política nacional para os indígenas que tanto se baseie no histórico de inte-



gração ao País quanto ao bem-estar das tribos amazônicas, a fim de proporcionar a integridade do nosso país. Tomando a si a iniciativa, o Estado brasileiro evita que a ingerência estrangeira afete o Brasil e garanta a preservação da soberania nacional ■





Manuel Cambeses Júnior
Cel Av

Membro emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, pesquisador associado do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército e conselheiro do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica.
mcambesesjr@gmail.com

Califado Islâmico, elemento desestabilizador no equilíbrio geopolítico do Oriente Médio

No tropel dos impactantes acontecimentos que ocorrem no dia a dia do acontecer mundial, por vezes não damos a devida importância a temas que merecem profunda reflexão e que são vitais para o equilíbrio do poder mundial, com inevitáveis reflexos em nosso País.

Queiramos ou não, o que vem ocorrendo atualmente no Iraque está diretamente vinculado com o nosso futuro através, principalmente, do fio condutor do petróleo. Lembremo-nos que a região do planeta onde mais se produz hidrocarbonetos é o Golfo Pérsico, e tudo que ali ocorre tem uma influência determinante nos mercados petrolíferos, em nível mundial. Para agravar a situação, aquela região é frequentemente castigada por irreconciliáveis e persistentes fricções geopolíticas que conduzem, inexoravelmente, a uma contumaz violência endêmica que, lamentavelmente, parece estar predeterminada nos genes de seus habitantes.

Os atuais acontecimentos que assolam a região têm sua origem em temas que se vinculam às três grandes religiões de cunho monoteísta: cristianismo, judaísmo e islamismo, cujas origens remontam a épocas bíblicas e a feitos transcendentais do passado, *extraídos desde o Êxodo até o Holocausto*, tal como afirmou, em impactante discurso, o então presidente estadunidense Ronald Reagan.

É de fundamental importância nos remetermos ao passado, há aproximadamente 1500 anos na História, para poder entender o que agora vem ocorrendo no Oriente Médio. No ano 570 depois de Cristo, nasce, em Meca, o Profeta Maomé. O Arcanjo São Gabriel lhe revela, de forma milagrosa, uma nova religião, o Islã, cujos princípios estão definitivamente explicitados no livro sagrado intitulado Corão. A partir daí, esta religião passaria a ter uma influência fundamental na História da Humanidade.

Maomé faleceu no ano 632 d.C. sem deixar nenhum sucessor, já que não possuía filhos do sexo masculino. Entretanto sua filha Fátima se casa com um primo chamado

Ali, que não tinha direito à sucessão por não ser descendente varão do Profeta.

Os primeiros Califas que sucederam Maomé – Abu Becri e Umar – pertenciam à tribo dos Quaraish, provenientes da antiga aristocracia de Meca. Umar foi assassinado derramando o seu sangue sobre o sagrado Corão.

A partir daí, se inicia uma sangrenta guerra pela sucessão do Profeta. Finalmente, Ali – genro de Maomé e esposo de sua filha Fátima – cai também assassinado no ano 661 d.C. Seu filho Hussein, neto de Maomé, reclama para si o Califado. Seu adversário era Yezed, filho de Muawija, que havia sido o mais amargo antagonista do Profeta.

A caminho de Damasco, que à época era a capital do Califado, Hussein foi emboscado e assassinado por 4.000 homens que estavam a serviço de Yezed.

A partir desse momento, se formam duas atuantes facções dentro do Islã. Os defensores dos direitos de Hussein, que passaram a se denominar *shii* (xiitas), e os defensores dos direitos de Yezed, que passaram a se chamar de *sunnis* (sunitas). Desde então, xiitas e sunitas não pararam de cultivar um ódio secular. Em realidade, o derramamento de sangue entre eles nunca foi interrompido.

Bem, agora façamos uma pausa para interromper o curso da antiga História e retornarmos ao século XXI. Retomemos o nosso relato 1.331 anos mais tarde, em 2014. Encontramo-nos agora no Iraque e, para nossa surpresa, os mesmos incontidos ódios e frequentes derramamentos de sangue continuam entre aqueles homens, tal como se no dia anterior tivesse ocorrido o assassinato de Hussein. Desde então, têm ocorrido muitas coisas no mundo, porém os ódios ancestrais entre xiitas e sunitas lamentavelmente seguem sendo os mesmos.

Geralmente, os sunitas são ligados às populações das monarquias teocráticas, como Emirados Árabes, Qatar, Arábia Saudita etc. Os xiitas, ao contrário, constituem 95% da população do Irã e 55% do Iraque.

Os sunitas costumam ser os mais

radicais, os que defendem o legado de Osama Bin Laden e do grupo terrorista Al Qaeda, e que agora se rebelaram no Iraque e acabam de declarar a criação de um Califado Islâmico, que engloba boa parte do território do país mesopotâmico. Também são os mesmos que estão enfrentando, na Síria, a ditadura de Bashar al Assad.

Os norte-americanos, depois de terem retirado suas forças militares do Iraque, não encontram meios para reagir efetivamente à nefasta ação dessa instituição de alto grau do fundamentalismo sunita, que degola ocidentais e extermina implacavelmente os inimigos, inclusive muçulmanos de outras vertentes do Islã. Para surpresa geral, tudo indica que estão recorrendo a seu arqui-inimigo Irã – cujo governo reivindica o legado do Ayatollah Kohmeini – para tratar de restabelecer a ordem na região. Recordemos que faz pouco tempo o Governo iraniano era acusado de estar desenvolvendo armamento nuclear e, conseqüentemente, colocando em risco o equilíbrio do poder mundial.

Diante deste instigante e curioso cenário, somos levados a crer que a geografia política da região está correndo sério risco. Não se trata somente da criação do Califado Islâmico, mas, também, de boa parte da população do Iraque, os curdos – que embora sunitas, são de origem turca e não árabe – que há muitos anos reivindicam a criação de um Curdistão independente. Se isto chegar a ocorrer, a Turquia se verá seriamente ameaçada, já que os curdos constituem uma parcela significativa de sua população.

Para complicar ainda mais esse tremendo imbróglio geopolítico, na vizinhança de todos esses países está Israel, o único país da região dotado de armamento nuclear e a quem muitos árabes aspiram, ardentemente, apagar do mapa do Oriente Médio.

Diante deste cenário altamente complexo e preocupante, identificamos, na atualidade, o Califado Islâmico como elemento desestabilizador na geopolítica do Oriente Médio e, conseqüentemente, altamente influente no equilíbrio do poder mundial ■

Acabamos de assistir, emocionado, como todos, à extraordinária manifestação de repúdio ao terrorismo, realizada em Paris.

Tornou-se impossível deixar de fazer algumas comparações entre o que acontece na França e o que ocorre aqui, no Brasil.

Lá, quarenta e oito horas depois dos dois atentados, os bandidos já haviam sido identificados e, depois de uma perseguição irretocável, mortos pela polícia. **Aqui**, meses depois, as investigações policiais ainda estariam sendo dificultadas pela secretaria de direitos humanos, pela OAB e por outras entidades de caráter semelhante.

Lá, os Agentes da Lei foram aplaudidos pela população e louvados pelo Presidente, pelo Primeiro-Ministro e por outras Autoridades importantes. **Aqui**, a população teria medo de aplaudi-los e, em situação igual, seriam execrados pela presidente da república, pela secretária de direitos humanos e por um sem-número de outras autoridades irrelevantes. Finalmente, seriam denunciados pelo assassinato de cidadãos que (*onde estão as provas?!*) *estavam simplesmente lutando contra as elites opressoras*.

Lá, os Militares são cultuados, e

o General Charles de Gaulle, venerado, por terem salvado a França do nazismo. **Aqui**, os Militares sofrem todo tipo de constrangimentos ilegais, injúrias, difamações e calúnias, porque salvaram o Brasil do comunismo e, principalmente, para que não possam voltar a fazê-lo, quando isso se tornar necessário, uma vez mais. Já o General Castello Branco, juntamente com vários outros heróis da Pátria, foi acusado de ser torturador, por uma comissão de desqualificados, que se diz da verdade.

Lá, compareceram à Marcha pela Liberdade Presidentes de vários

países, sinceramente solidários com os franceses. **Aqui**, diante da repercussão desastrosa da expressão de sua boa vontade para com estado islâmico, a presidente optou por camuflar a simpatia manifesta pelos terroristas de toda ordem, para *condenar* os atentados e fazer-se representar pelo Embaixador do Brasil na França.

Lá, a marcha foi tranquila do princípio ao fim. **Aqui**, os *blackblocs*, a serviço do governo, teriam afugentado os participantes, garantindo aos militantes de esquerda o monopólio das manifestações.

Lá, todos choraram pelos mortos

nos atentados. **Aqui**, a presidente verteu lágrimas de *crocodila* pelos terroristas de esquerda mortos há cerca de 40 anos, em confronto com o Estado brasileiro. Seria mais honesto, se tivesse pranteado a morte das vítimas do terrorismo de então, principalmente as praticadas pelas organizações terroristas a que ela pertenceu.

Lá, os terroristas estão mortos, presos, ou escondidos na clandestinidade e perseguidos pela polícia. **Aqui**, estão vivos, soltos, empossados na presidência da república, nos ministérios, no poder judiciário, no congresso nacional,

enfim, em quase todas as instituições, sob a proteção de um Estado divorciado da Nação e desvirtuado, para servir à ideologia de um partido sectário e totalitarista.

Lá, a frase *Je suis Charlie*, de Joachim Roncin, tornou-se o símbolo da luta contra o terrorismo e pela liberdade. **Aqui**, manifestaremos nossa solidariedade aos povos francês e brasileiro – ambos, vítimas de terroristas, embora com visões tão diferentes sobre como enfrentar a ameaça – também com um símbolo, uma pequena frase, um alerta simples:

Eu sou Inconfidência! ■

Eu Sou Inconfidência!

Luís Mauro Ferreira Gomes

Cel Av

Vice-Presidente do Clube de Aeronáutica

lmauro@uol.com.br



SONHOS

Brig Ar Tarso Magnus da Cunha Frota

tarsorj32@gmail.com

(... Santos-Dumont sonhou com os ares e chegou às alturas, Saint-Exupéry cantou e alcançou a alma daqueles que singram pela amplidão...)

As aeronaves do Grupo de Transporte Especial operavam normalmente na Base Aérea do Galeão quando o destino era o Rio de Janeiro.

Partimos de Brasília com destino ao Rio e já manobrávamos nos céus da Guanabara por trinta minutos. Uma frente fria cobria a cidade. A chegada dentro do *mau tempo* e o pouso final dependia somente das instruções determinados pelo Controle de Tráfego Aéreo.

Em toda a minha vida de aviador nunca permaneci tanto tempo aguardando orientação do Operador do Sistema. Quando imaginava que iria iniciar a descida, uma nova mensagem determinava: – Mantenha altitude e aguarde instruções. – Foram mais uns vinte minutos de espera até o toque final. Enfim, pousamos, após quarenta minutos, sob os céus cariocas. Já no solo, ainda acomodado na cabine de comando do velho Viscount, a antiga e histórica aeronave presidencial dos primórdios de Brasília, ainda voando em apoio aos voos de interesse do Gabinete do Ministro da Aeronáutica.

Os passageiros que compartilharam do *mau tempo* na turbulenta chegada ao Rio, lentamente, começavam a abandonar o nosso Viscount. Ainda no assento e com o cinto preso na cadeira de comando, alguns devaneios de passados distantes, que se perdiam na *bruma dos tempos*, passaram a anuviar a minha imaginação. O voo e as *turbulências* possibilitaram antigas recordações de um acervo pretérito, que começava a se desenhar como a realidade de um epílogo dos quase quarenta anos de Aviação. Esses simplórios comentários ligavam-se tão-somente à última atividade aérea deste articulista, mostrando que o

estimado Viscount, em uma missão de transporte determinada pelo Gabinete do Ministro da Aeronáutica, moldurou a minha derradeira operação nos céus como Oficial Aviador da nossa Força Aérea.

Corria o ano de 1983, estávamos em setembro. Ao observar os passageiros que aos poucos se afastavam, dei tratos a pensamentos de há muito arquivados, que, subitamente, começaram a cantar com o recôndito da alma: *um velho e já cansado piloto observando os passageiros que aos poucos se afastavam da aeronave... na busca dos seus próprios destinos... quadro este, que, por si só, jamais se repetiria...* E as recordações se desenhavam e pululavam. Veio logo à tona o menino sonhador, que, subitamente, ressuscitou imagens gravadas de há muito no seu subconsciente, onde os *Vermelinhos*, aeronaves operadas pela antiga Aviação Militar, vez por outra, favoreciam a nossa cidade, a pequena Cruz Alta, com *rasantes e piruetas*, na remota década de trinta, quando, nos meus verdes anos, a Aviação não só empolgava este narrador, mas a população citadina.

Essas máquinas aéreas eram sediadas em Canoas, na grande Porto Alegre, e lotadas no antigo Regimento de Aviação do Exército, que, na dinâmica dos tempos, passou a ser a Base Aérea de Canoas dos dias que correm. Assim, com relativa frequência, os *Vermelinhos* brindavam os céus cruzaltenses com suas chegadas. A presença destas aeronaves prendia-se ao fato de que dois Tenentes da Arma Aérea do Exército tinham ligações familiares com a nossa Cruz Alta.

Este *escrevinhador* contava à época menos de dez anos, sentindo-se altamente influenciado pelas peripécias do então Te-

nente Abel, que, com seu colega de farda Tenente Hélio, presenteava o povo com suas revoadas e manobras por todos admiradas. A gurizada, termo comum, idêntico a meninada, muito usado no Sul, empolgada, com o ronco da chegada das máquinas aéreas, corria espavorida para o Campo de Aviação, na ânsia de assistir o pouso, olhar e admirar aqueles *super-homens* que dominavam nos ares os maravilhosos Vermelhinhos. Este modelo de aeronave era identificado oficialmente como Wacco CSO, fabricado nos EUA e operados pela Aviação Militar, ainda em mãos do Exército, antes da criação do Ministério da Aeronáutica, em 1941.

Saltava aos olhos que a influência de voar tomou conta de muitos, e dentre eles, este relator, que passou a sonhar com a vontade de um dia chegar a dirigir uma daquelas máquinas. Resta claro que o Tenente Abel e o Tenente Hélio deixaram uma marca muito grande na mocidade, fato este que levou Cruz Alta a contar com um número invejável de Oficiais Aviadores na nossa Força Aérea.

Há de se enfatizar, ainda, que ascenderam ao posto de Brigadeiro nove cruzaltenses desde a criação do Ministério da Aeronáutica. Como se vê, a Aviação soube empolgar os jovens da cidade e, com a proteção de Deus, tive a ventura de orgulhosamente alçar ao posto de Brigadeiro do Ar.

Assentado, ainda, na cabine de comando, as recordações pululavam e se perdiam na bruma dos tempos, quando ouvi um murmúrio do colega de pilotagem que balbuciou: – Brigadeiro, o mau tempo deu sono? – Sorri, soltei o cinto, e comentei: – Olha só, este foi meu último voo como piloto num avião da Força Aérea. Estou passando para a Reserva e há uma viatura estacionada que me conduzirá até o nosso Serviço de Saúde, CEMAL, para a última avaliação médica. – O Capitão se surpreendeu e, de pronto comentou: – Brigadeiro, quais os reflexos que o afastamento do Serviço Ativo estão a fazer na sua alma de aviador?

Olhando para o meu colega de pilotagem sorri e, um tanto emocionado,

desfraldei algumas daquelas memoráveis paisagens que se fixam na alma e se tornam inesquecíveis como *voo noturno em dia de lua cheia na orla nordestina, onde o litoral se desenhava aos pés do piloto, o mar batia na praia, o continente mostrava os seus contornos e a iluminação das cidades ia se repetindo.*

Ao decolar de Salvador, os desenhos se multiplicavam, e no procedimento de subida os reflexos da lua tocavam na nossa sensibilidade. A cada passo da aeronave, mais belezas aos poucos se iluminavam, e os pontos de luz emanados da visão, ainda distantes de Aracaju, começavam a ter contornos. Um pouco adiante no desenrolar do voo, luzes de Maceió começavam a ser vislumbradas e, finalmente, o destino, Recife, que com seus clarões, engalanava a maravilha do cenário com que Deus e a Força Aérea nos presenteavam.

Não há como olvidar, também, os voos na Amazônia, que deslizavam no tapete verde da paisagem, nos limites da grande floresta, pulmão do mundo e um presente da natureza, notadamente nos dias de *aru*, a famosa e conhecida bruma do orvalho das margens dos rios que, vez por outra, se distribuía pelas correntes de água da grande hileia.

Há detalhes nos meus sonhos de aviador, que considero inesquecíveis: a chegada aos Afonsos. Naquele dia senti a magia emanada pela gleba, no momento que ultrapassei os limites do Portão de Entrada. Fiquei estarrecido com a beleza do verde dos gramados, emoldurados pelas construções coloniais que se multiplicavam no entorno, ladeadas pelas jardinagens bem distribuídas, verdadeiras molduras da casa dos sonhos dos conquistadores dos ares.

Afonsos é um pedaço da alma não somente dos pioneiros, mas de todos nós que, venturosamente, fizemos parte do seu acervo e participamos das suas atividades, sem esquecer a nossa orgulhosa formação de Oficial aviador, em dezembro de 1950. Ao ouvir minhas palavras, o Capitão retrucou: – O senhor hoje está tocado pelos sonhos escondidos em alguns anos de

Aviação. Estou sensibilizado com suas palavras.

Enfim, liberando o cinto de segurança, dirigi-me à viatura que me conduziria ao CEMAL, onde realizaria uma avaliação médica, determinada na formalização do processo de afastamento do serviço ativo. No deslocamento, continuaram a avultar velhas memórias há muito arquivadas e que, nostalgicamente, recordavam fases memoráveis de uma vida na Força Aérea. A camaradagem, as amizades e o desempenho aéreo são nostalgias irremovíveis, sentidas na alma de quem legou à Aviação os melhores anos da sua existência.

A primeira Unidade, o 1º/4º GAv, em Fortaleza, abriu o leque das conquistas profissionais, levando-me ao contato com o B-25, aeronave em que passei em torno de 3.000 horas na cabine, como aluno e instrutor, por um período superior a cinco anos. Mais tarde, os meus dez anos de Correio Aéreo Nacional (CAN) ensinaram-me a conhecer o Brasil. As Rotas do São Francisco, Tocantins, Brasil Central, Acre e Amazonas estão gravadas, ajudando-me a entender o nosso Brasil, ao lado do orgulho de ter ajudado não somente no desbravamento, mas de ter levado aos mais distantes rincões a presença da nação em cada aeronave do CAN. O CAN desbravou rotas e levou o progresso e a assistência às mais distantes regiões deste Brasil.

A FAB me conduziu, ainda, a operar um moderno jato puro, na oportunidade que tive de voar o BAC-One Eleven, aeronave presidencial no Governo do Presidente Costa e Silva, o primeiro avião de transporte a jato no seio da nossa FAB. Não há como esquecer os companheiros que realizaram na Inglaterra o treinamento no BAC: Gerseh (*in memoriam*), Gandra e Trompowsky, que, em uma convivência de oito meses, cumpriram com a missão de treinamento na aeronave, um jato de transporte militar que ensejou um novo desempenho nas Missões Presidenciais.

O velho Afonsos está sempre a ativar minha memória. A graduação intelectual na Escola de Aeronáutica ensejou a todos nós

a excelência da nossa formação como piloto militar ao lado dos ensinamentos nas ciências humanas, físicas e matemáticas. Emerge uma lembrança inesquecível: as aulas do Coronel Ayrton Lobo. O mestre, versado em Humanidades, nos deu as bases do Direito, com enfoque constitucionalista, sempre com explanações brilhantes, levando-me a jamais esquecer a explicação relativa às propostas marxistas, que, em um enfoque muito seguro, mostrou à jovem *cadetada* os valores das posições democráticas, sob a ótica do primado comportamental nas organizações políticas do Planeta, onde a Democracia é a verdade na condução da vida dos povos mais desenvolvidos. Comentou com muita precisão e detalhamento a Intentona Comunista de 1935, oportunidade em que lembrou a rebelião na Guarnição dos Afonsos, nossa casa de formação, surpreendida, em 1935, com a eclosão do movimento comunista nos limites das suas instalações. Apesar da surpresa do levante, a assustada *guarnição de serviço* se superou e, com o sacrifício de alguns companheiros covardemente mortos, lutou e conseguiu sufocar o movimento, impondo-se aos atacantes.

Cabe nestas recordações relembrar a noite de do dia 1º de abril de 1964, na Base Aérea de Fortaleza, oportunidade em que Suboficiais e Sargentos do efetivo da Unidade, sob o comando de um Suboficial, dirigiram-se incorporados ao Prédio do Comando com a intenção de intimidar o Comando em face do Movimento Revolucionário que eclodira na noite de 31 de março de 1964. A Base estava sem seu Comandante, que, por motivos de saúde, se encontrava em tratamento no Rio de Janeiro. Respondendo pelo Comando, o Tenente-Coronel-Aviador Teixeira Leite recebeu o grupo de Graduados que exigiam uma definição da posição política do Comando da Base. À época este articulista respondia pelo Comando do Esquadrão do Pessoal, Subunidade que mantinha armamento na sua reserva, fato este que facilitou de imediato o apoio ao Comandante em exercício, surpreendido com o movimento dos Graduados.

Cheguei-me ao Tenente-Coronel em Comando, afirmando o apoio da minha Subunidade, que já contava com vários Oficiais e alguns Graduados que não se aliaram aos rebelados. Restou claro que o movimento estava inspirado nas revoltas de Sargentos de Brasília e no Comício da Central do Brasil, em dias anteriores ao Movimento de 1964.

Murmúrios correntes na Base, falavam de discursos de Tenentes-Aviadores, que, em cima das mesas de sinuca no Cassino dos Suboficiais e Sargentos, nas folgas dos almoços, faziam doutrinações marxistas/leninistas. A nossa atitude conseguiu abalar o movimento dos Graduados, que, sentindo-se cercados, aos poucos se desmobilizaram com o consequente esvaziamento das suas indagações. Felizmente ultrapassamos este triste evento sem dificuldades maiores, sem uso de força, embora o histórico da Unidade tenha somado às suas memórias esta dolorosa ocorrência. Como corolário desse triste episódio resultou o quanto os movimentos de índole marxista procuraram ousadamente ocupar espaços na vida política brasileira.

A Revolta de 1935 levou o País a enfrentar ataques covardes a Guarnições castrenses em Recife, Natal, Manaus e Rio de Janeiro. A História é a própria testemunha do fracasso dessas tentativas. O ápice da afirmação da manutenção da liberdade resume-se no Movimento de 1964, que inviabilizou a intenção de estabelecer no Brasil posições ideológicas já repelidas em 1935, para gáudio da nacionalidade.

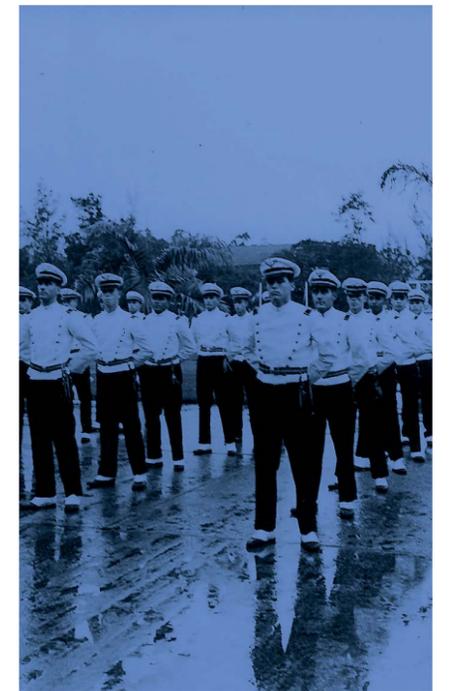
No momento em que me afasto do serviço ativo, orgulho-me em afirmar que jamais aceitei doutrinas totalitárias e valho-me da reação dos Governos Militares que debelaram a última investida totalitária na região do Araguaia, fato este que, mais uma vez, afastou a República das mãos destes revoltosos comunistas. A reação do soldado brasileiro foi imediata e o perigo de um envolvimento sob a égide totalitarista não prosperou.

Assim, despedindo-me da nossa FAB, há que deixar claro o quanto o *avião* marcou

não somente os meus sonhos de infância, mas, também, o meu dia a dia, distribuídos praticamente pelos quarenta anos de Força Aérea. Como coroamento das vivências e comportamentos que deixaram sinais no recôndito da espiritualidade, sempre trago à frente as palavras do Chefe do Estágio Primário em nosso período de Formação Aérea. O velho Capitão Zedir, toda a vez que um Cadete voava solo, no seu primeiro contato a dominar o espaço com seus próprios meios, após passar no *Cheque de Aproveitamento*, a sua primeira e grande vitória profissional no domínio total do saudoso PT-19, dizia: – Vai meu filho, longe da terra, perto de Deus, mas não se esqueça de voltar! – Zedir foi realmente o primeiro filósofo que conheci, e as suas brincadeiras com o jogo de palavras típico das desavisadas conversas das portas de hangar, mostrava o quanto a confirmação do primeiro voo solo envolvia a alma de quem de há muito sonhava com essa ventura!

Grato, Santos-Dumont! Os seus sonhos ocuparam uma realidade que envolveu este *Águia Velha* ou *Velha Águia* por mais de 8.000 horas no ar e quarenta anos da mais pura convivência com o cerne da Força Aérea, orgulho que se associa aos sonhos, sempre aos sonhos.

E há epílogo para os sonhos? ■



Arranjos e desarranjos

Afonso Farias de Souza Júnior
Cel Int / Prof. Dr.
afonsofariasjunior@gmail.com

O mundo está envolto por uma maré de distúrbios nos Estados nacionais, assim como existe uma onda de insatisfações nas democracias pouco republicanas ou cidadãs.

Para ficar somente na América do Sul, observe que a Venezuela passa por dificuldades de governança e governabilidade. A Argentina esforça-se para não catalisar a crise socioeconômica latente, mas que dificilmente poderá contê-la. A liberação da venda da maconha no Uruguai é uma incógnita, quais efeitos poderão advir?

No Brasil, os problemas da Petrobrás (prejuízos/gestão e possíveis fraudes) e da Eletrobrás (prejuízos/gestão) também já preocupam, além das questões da inflação, ausência de infraestrutura logística e às reclamações direcionadas à educação, à segurança pública, à área de saúde e à mobilidade /transporte.

Como se pode perceber, há incertezas crescendo progressivamente. A Europa e os EUA estão sempre monitorando nossos passos, alinhamentos e tendências.

Para estranheza de todos, a Defesa Nacional ainda é configurada (o discurso é de integração e de uma indústria dual, mas a prática ainda não confirma isso) como peça isolada no desenvolvimento brasileiro, com raras exceções. No entanto, a geopolítica hodierna, a extensão territorial, as fronteiras e a proteção à biodiversidade, aos minérios e demais riquezas exigem alerta e vigilância continuadas, com talentos e instrumentalização orçamentária compatíveis.

A Amazônia e o Pré-Sal são preocupações concretas. Contingentes das

FFAA já foram deslocados para a Região, mas ainda há um abismo logístico e operacional a ser implementado. Quanto ao Pré-Sal, é notória a cobiça internacional direcionada à exploração do combustível fóssil naquela área.

Proteção e vigilância eficazes demandam sistemas, equipamentos, materiais específicos, talentos, remuneração dos profissionais e orçamento compatível. O Sisfron, o Sivam, o Prosub, o Programa FX-2 e outros requerem materiais e equipamentos sempre atualizados – modernizados e revitalizados – para que o Estado e a sociedade brasileiros possam contar com um aparato de Defesa compatível, mas também eficiente e eficaz.

As FFAA aparelham-se, mas ainda muito aquém daquilo que deveriam ser e longe das necessidades específicas e prioritárias, conforme estabelecido nos planos de cada Força Singular.

A eficácia da nossa proteção, em termos de Defesa, perpassa por pessoas preparadas, motivadas e satisfeitas com a profissão que escolheram. Atualmente, a educação nas FFAA ainda é considerada como referência e de excelência, no entanto, a cada ano fica mais difícil fazer a gestão do ensino técnico-profissional com tamanha escassez de recursos.

Relativo à motivação e satisfação, como permitir que as FFAA continuem a manter uma forte evasão de oficiais e praças causadas pela defasagem salarial? O mundo aponta para sérios distúrbios socioeconômicos em curto e médio prazos e os militares já vivem essa crise remuneratória há tempos. Por que não equiparar o salário dos militares aos níveis daqueles já existentes no Poder Executivo?

Urge dotar o Brasil de poderio militar que desencoraje qualquer iniciativa

da Defesa Nacional

estrangeira de avançar sobre a costa, o espaço aéreo ou o território brasileiros. Impor respeito sem entrar em combate – dissuasão. Para isso são necessários recursos suficientes e continuados e instalações e equipamentos presentes em todos os pontos críticos do território (terra e mar), capazes de detectar qualquer alvo hostil e ter a possibilidade de rapidamente verificar/atingir eventuais ações ilegais/clandestinas.

Antigamente, era fundamental ter soldados em números superiores ao inimigo, assim como mais bem equipados e treinados. Hoje, o que importa é educar e treinar efetivos para que cheguem instantaneamente à área de conflito e resolvam cirurgicamente o problema. As novas batalhas exigem prontidão das Forças e logística avançada e moderna para suportá-las no front. Vale lembrar aqui as dimensões terrestres, aéreas e costeiras do País. A tudo isso se acrescenta a telemática e o ciberespaço, locus virtual de combate.

Finalizando, o Estado deve esforçar-se, de imediato, para elevar para 2% do PIB nacional o orçamento de Defesa. O Brasil vai precisar desse arranjo orçamentário-financeiro para estruturar as instituições envolvidas no sentido de facear possíveis enfrentamentos que poderão se estabelecer em curto e médio prazos. A análise de programas e projetos estratégicos da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, seu papel nos âmbitos da Política Nacional e da Estratégia Nacional de Defesa, bem como os requerimentos para sua implementação devem acontecer de forma regular e continuada. Os riscos, hoje, são reais. Nada fazer é contribuir com os abutres de plantão e com a irresponsabilidade daqueles que estão nos cargos maiores desta República ■



Lealdade e Traição



Em qualquer país do mundo que possua Força Armada organizada, um militar que roubar armas e munição de sua Unidade, terá cometido crime de natureza grave. Se conseqüentemente desertar e levar o produto do roubo para o lado do inimigo, seu ato será considerado traição e, nos países muçulmanos e asiáticos sob regime comunista, se for preso, certamente será punido com a morte.

Em todas as Forças Armadas do mundo a formação militar tem pontos semelhantes, visto que em todas, a lealdade, a retidão de caráter e o amor à pátria, adquiridas na formação, tornam o militar confiável.

Nos países onde o serviço militar é obrigatório, na formação do soldado, além do treinamento militar, existe a formação cívica, buscando os mesmos objetivos.

Para a formação profissional existem critérios rígidos de seleção, para o militar que seguirá uma carreira e, para isso, a

vocação é elemento primordial. A rigidez de formação do militar está diretamente ligada a hipóteses de guerra que o país possa enfrentar e aí, o trinômio lealdade, disciplina e hierarquia são olhados com rigor pelos comandos superiores, porque, em qualquer país, morrer pela pátria, deve estar embutida na alma de todos os soldados.

O que se pode observar na história militar do Brasil é que militares provindos das camadas mais modestas da população, se tornaram pessoas plenamente confiáveis, porque na alma de cada um existia o sentimento de gratidão à Força Armada que o acolheu e por ter-lhe proporcionado uma boa formação profissional e, em alguns casos, a ascensão social. Estes foram sempre bons servidores da pátria.

A história militar brasileira registra milhares de casos de brasileiros que tomaram defendendo a pátria e, em muitos casos, tornaram-se heróis.

Nem sempre a seleção consegue realizar um recrutamento perfeito, visto

que, em muitos casos, militares engajados, mudaram de opinião e perderam a confiabilidade.

Pergunto se o vírus da traição acompanha o ser humano desde o nascimento, ou esse vírus é adquirido segundo circunstâncias de períodos vividos com desajuste social que o tornaram um inconformado?

Há muitos casos militares que no decorrer da carreira optaram por ideologias contrárias ao regime democrático e tentaram rebelar-se contra o poder constituído. Isto ocorreu na Intentona Comunista de 1935 e, em 1963, no governo João Goulart, onde houve a Revolta dos Sargentos de Brasília e a Revolta dos Marinheiros, apoiadas, por chefes militares que tinham aderido ao comunismo. Na Intentona Comunista de 1935 que ocorreu nos Estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Rio de Janeiro, os revoltosos da Escola de Aviação Militar no Rio de Janeiro cometeram ato de covardia ao matarem seus colegas de farda enquanto dormiam.

Muitos dos militares revoltosos depois de serem afastados das Forças Armadas por ação da justiça se tornaram dirigentes do Partido Comunista do Brasil.

E Carlos Lamarca, por que traiu?

Ele era membro de uma família modesta mas honrada que residia no Morro de São Carlos no Rio de Janeiro.

Adolescente, ingressou na Escola Preparatória de Cadetes do Exército em Porto Alegre, por concurso e cursou posteriormente a Academia Militar das Agulhas Negras.

Nessas escolas, recebeu a mesma instrução militar, profissional e de ética, ministrada tradicionalmente pelo Exército.

Depois que foi declarado Aspirante a Oficial, serviu em boas Unidades do Exército (ele era da arma de infantaria).

Como Tenente, já havia indícios de quebra de lealdade e, posteriormente, ficou-se sabendo que estava influenciado pela ideologia marxista leninista. A comprovação dos fatos foi feita quando já era

Capitão em um período muito próximo da sua deserção.

Se analisarmos um universo envolvendo militares que cursaram a AMAN no período de cinco anos antes e cinco anos depois da sua formatura, podemos comprovar que foi o único que traiu o Exército, isto, analisando um público-alvo de mais de 1.000 Oficiais.

Observamos, portanto, que a formação ética foi correta. Ele é que não quis absorvê-la.

Seria a revolta contra a sociedade por ter nascido numa família modesta?

Em 1968, quando eclodiu a luta armada urbana, jovens, aparentemente idealistas, ingressaram em diferentes organizações foquistas para participar dos Movimentos de Libertação. Isso ocorreu após o frustrado Congresso da UNE em Ibiúna/SP.

Nas ações repressivas, muitos foram presos e interrogados. O que se observou, na época, é que boa parte desses idealistas estava revoltada com a sociedade

constituída, por problemas e desencontros familiares, alguns de natureza grave. Muitos, depois disso, abandonaram a luta armada e voltaram a estudar, sem nenhum constrangimento.

O que podemos entender, é que, para Lamarca, o Exército era apenas um meio de vida. Sua alma como Oficial, já estava impregnada da ideologia marxista e sua lealdade passou a ser para com o comunismo, razão pela qual praticou os crimes anteriormente citados, e foi militar na Vanguarda Popular Revolucionária, onde era um dos dirigentes. Entretanto, ele não conseguiu encontrar o seu objetivo, que era o de ser um grande líder guerrilheiro. Treinamento militar ele tinha, mas lhe faltava o embasamento ideológico que outros tinham. Com o tempo essas questões enfraqueceram sua liderança, terminando com o seu fim no sertão baiano.

Por isso, a necessidade de prendê-lo e depois julgá-lo se tornou uma questão de honra para o Exército ■

INSURREIÇÕES

GUERRA INSURRECIONAL
É a guerra interna que obedece a processos geralmente empíricos, em que uma parte da população – auxiliada e reforçada, ou não, do exterior, mas sem estar apoiada em uma ideologia – empenha-se contra a autoridade (de direito ou de fato) que detém o poder, com o objetivo de a depor ou, pelo menos, forçá-la a aceitar as condições que lhe forem impostas.

Coronel Gabriel Bonnet
(ex-professor do Centro de Preparação da ESG da França)

Em épocas passadas, a nossa pátria foi sacudida por rebeliões e revoltas que se transformaram em verdadeiras guerras insurrecionais.

As causas foram as mais diversas, com consequências funestas, chegando ao cúmulo de enforcamentos, garroteamentos, fuzilamentos, prisões e até os recursos de seus participantes haverem sido degredados.

Os movimentos libertários tinham cunho nativista, separatista, republicano, racial, liberal, popular, econômico, anarquista, messiânico, religioso, conservador e até ideológico.

Participaram as elites, a aristocracia

da época, os índios, os negros, os populares, os oprimidos, os eclesiásticos e os maçons, cada um em busca dos seus objetivos e com suas formas de pensamento.

Em certas ocasiões receberam influências externas, pela importação de ideias da Revolução Francesa e da Independência dos EUA. Tinha chegado o momento da libertação dos povos contra potências estrangeiras e contra a opressão – Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Muitos brasileiros filhos das elites iam estudar na Europa e traziam novas ideias para o Brasil.

O marco inicial das insurreições aconteceu no nordeste brasileiro com a Insurreição Pernambucana, movimento nativista que culminou com a expulsão dos Holandeses.

Mais adiante os brasileiros natos deram o brado contra a exploração econômica portuguesa que dilapidava as nossas riquezas.

Os princípios iluministas, liberais e libertários penetraram no clero e na maçonaria, entidade essa que sempre lutou pela libertação dos povos.

A revolução de 1817 em Pernambuco foi chamada de revolução dos padres.

Digna de nota foi a união dos brasileiros do nordeste na eclosão da Confederação do Equador.

O pensamento brasileiro da criação de um ser realmente nacional surgiu no Nordeste brasileiro.

O tempo foi um construtor de ruínas com relação aos nascidos na terra de Camões, que nada mais significavam para os nativos da “Terra Brasilis”.

Em toda a insurreição é fundamental o surgimento de líderes e de ideias-força vitais para a sustentação do movimento.

Os ideais da época fizeram surgir homens determinados e corajosos que se tornaram figuras destacadas em nossa história, mesmo sabendo estes que poderiam ser massacrados, enforcados, degredados e até espingardeados pelos poderosos.

Nos foi deixada uma lição: que os mais fracos podem derrotar os mais fortes pela adoção de emboscadas, guerras de movimento e pelo traçado de uma estratégia de resistência, tudo fruto do poder da criatividade de nossa gente.

Surgiram *slogans* nas insurreições com bastantes significados, “Independência, União, Liberdade e Religião”, na bandeira da Confederação do Equador. Na guerra guaranítica, “essa terra tem dono” de autoria de Sepé Tiaraju. Na Inconfidência Mineira, *Libertas quae será tamen* na bandeira de Minas Gerais. A inscrição do “NEGO” na bandeira do estado da Paraíba, após a Revolução de 1930.

Não podemos nos esquecer dos atores

NO BRASIL

que marcavam os seus nomes na nossa história:

– Matias de Albuquerque, André Vidal de Negreiros, Henrique Dias e Felipe Camarão;
– o índio Potí, na expulsão dos holandeses;
– Zumbi, filho de Ganga Zumba, na Resistência Negra;

Nas revoluções de 1817 e 1824 no Nordeste destacaram-se:

– José Inácio de Abreu Lima – o padre Roma;
– Joaquim do Amor Divino Rabelo e Caneca – frei Caneca;
– Miguel Joaquim de Almeida Castro – o padre Miguelinho;
– José Martiniano de Alencar (seminarista) – pai de José de Alencar;
– Capitão José de Barros Lima – o Leão Coroado.

Podemos ainda considerar:

– Felipe do Santos – na revolução de Vila Rica, antiga capital de Minas;
– José Joaquim da Silva Xavier – o Tira-dentes – na Inconfidência Mineira;
– Antônio Vicente Mendes Maciel – vulgo Antônio Conselheiro, em Canudos;
– Miguel Costa – Prestes, na famosa Coluna.

Chegou-se ao ponto de haver tentativas no estabelecimento de duas Repúblicas – República Piratini (RS) e a República Bahiense (BA), respectivamente na Guerra dos Farrapos e na Sabinada, além da Repú-

blica Independente de Princesa, no sertão do estado da Paraíba, fato este pouco difundido e que merece ser conhecido.

Poderíamos considerar, ainda, como ideário presumível de cada uma dessas insurreições:

Nativista – na Insurreição Pernambucana – expulsão dos holandeses (1624/1654 - PE);

Racial e libertária – Quilombo dos Palmares – no movimento da resistência negra (1690/1695);

Econômica e religiosa – Revolta de Beckman (1684 - MA);

Republicana e aristocrática – Guerra dos Mascates (1710/1714 - PE);

Liberal e tributária – Revolta de Vila Rica (1720 - MG);

Separatista - Guerra Guaránica – Território das Missões (1754/1796 - RS);

Liberal, econômica e emancipacionista – Inconfidência Mineira (1789 - MG);

Popular e liberal – Revolta dos Alfaiates (1797 - BA);

Liberal, econômica e separatista – Revolta Pernambucana (1817);

Republicana, liberal e separatista – Confederação do Equador (1824);

Liberal e separatista – Cabanagem (1830 - PA);

Conservadora – Cabanada (1832/1835 - PE);

Formação de um governo republi-

cano – Sabinada (1837/1838 - BA);
Anarquista e liberal – Balaiada (1839/1840 - MA);

Republicana e separatista – Revolução Farroupilha (1835/1845 - RS);

Liberal – Revolução de São Paulo (1842 - SP);

Liberal – Revolução de Minas Gerais (1842 - MG);

Liberal e separatista – Revolução Praieira (1848 /1850 - PE);

Messiânica, religiosa e econômica – Canudos (1896/1897 - BA) e Contestado (1911/1915 - SC);

Reformista – Coluna Miguel Costa – Prestes (1925);

Separatista regional – Revolta de Princesa (1930 - PB);

Ideológica e marxista – Intentona Comunista (1935).

Considerando o Pensamento Brasileiro, podemos destacar o início da formação da nacionalidade de um povo mestiço, consequência do cruzamento de três raças. O despertar do sentimento nativista. A contribuição para a formação de uma “doutrina de resistência”. O surgimento de verdadeiros líderes nacionais e o valor do afrobrasileiro demonstrado na “resistência negra”. As insurreições ocorridas no Brasil serviram para a formação do caráter nacional, a manutenção da unidade nacional e de uma língua única ■



Antônio Conselheiro - Canudos



Tiradentes - Inconfidência Mineira



Abolição da Escravatura



Revolta de Princesa - Paraíba



Guerra dos Guararapes



Sabinada - Revolta dos escravos



Resistência Negra - Zumbi



Revolução Farroupilha



Guerra dos Mascates

MENSAGEM DE ADEUS

Ao ter vivido mais de 80 anos, dos quais quarenta dedicados ao serviço ativo da Força Aérea Brasileira, tenho plena certeza de lhes haver apontado o valor da disciplina consciente, da perseverança na conquista dos objetivos, da lealdade inquestionável, do indispensável respeito aos outros para podermos ser respeitados. E a honrar o passado para ter direito ao futuro.

Estou ainda seguro de haver demonstrado que o verdadeiro profissional das Armas é aquele que nada teme. Nem mesmo e, principalmente, uma nova ideia.

Entretanto fiquem certos de que em contato com diversas gerações de soldados do ar aprendi que não se envelhece por haver vivido mais, mas, sim, por haver desertado dos ideais: o passar dos anos enruga a pele, mas a renúncia a um ideal encaneca a alma. Foi dessa forma que descobrimos velhos entre os jovens, porque jovem é aquele que desafia os acontecimentos, rompe a barreira da acomodação e encontra alegria no jogo da vida: as provas o galvanizam, os fracassos o robustecem e, as vitórias, o apuram...

Estou convencido, portanto, que seremos tão jovens quanto nossa fé e tão velhos quanto nossas dúvidas. Tão jovens quanto a nossa confiança e tão velhos quanto as nossas desesperanças. E mais idosos, ainda, quanto nosso abatimento à luta.



Companheiros de armas

AMIGOS,

Nesse momento de partida deste nosso mundo, reafirmo minha inquebrantável crença de que na alma do autêntico militar e do cidadão não devem prosperar a cobiça e o delírio de promover-se; nem a omissão, a covardia, a maledicência; sequer a inércia, o comodismo. Muito menos a ostentação, a vaidade, a prepotência e o compadrio, porque a Força Aérea e o Brasil, a que servimos, são fortes pelas virtudes de magnanimidade, de solidariedade e, principalmente, de pureza de princípios. Nosso compromisso é o juramento feito de bem cuidar da Nação brasileira com o máximo de eficiência, permanecendo inarredavelmente fiéis à nossa consciência e aos nossos designios constitucionais, e certos de que de nada vale um combatente sofisticadamente armado e um cidadão disposto a participar se, dentro dele, não pulsar um coração de bravo e de homem devoto e convicto.

Creio firmemente que, para ser possível levar avante esse compromisso de honra, hoje e nos próximos dias que estão por vir, a Sociedade brasileira espera de todos os homens da Força Aérea e de seus cidadãos, valor, vontade, constância, respeito mútuo e o estrito cumprimento e o cultivo dos

deveres e virtudes como princípios básicos para que preponderem e frutifiquem o espírito criador e renovador, o dinamismo e a ousadia sã, o entusiasmo e a fraternidade, elementos basilares de um País engajado com o futuro, já avistado, para a Nação.

COMPANHEIROS DE MINHA JORNADA TERRENA,

Parto, emocionado, mas ainda disposto a mais viver. Sob o efeito de múltiplos sentimentos que, nesta hora, habitaram meus últimos pensamentos, relembro:

– A **saudade** de cada momento vivido e cada companheiro encontrado nestes longos anos de vida nos quais, antes de tudo, conheci melhor a mim mesmo e aos homens;

– O **orgulho** por haver recebido as mais belas tarefas que a Força Aérea pode entregar a um Oficial, dentre as quais – comandar a Unidade de Formação de Pilotos de Caça, a Base Aérea de Santa Cruz, a Academia da Força Aérea e a Diretoria de Administração do Pessoal, privilégios e honras que levarei comigo;

– A **esperança**, ao me haver certificado de que a Força Aérea é fundamentalmente composta de homens de bem, de mente aberta e saudável, coração puro

e alma límpida, capazes de, em conjunto, superar as mazelas humanas e as próprias da Corporação. Que abomina o arbítrio, a usurpação de competência, a manipulação dos Regulamentos e dos homens, a politicagem na caserna e o sectarismo partidário trajando nosso uniforme;

– A **confiança** no exuberante potencial instalado em nossos homens, principalmente em nossos jovens Oficiais e Cadetes – os Oficiais Gerais dos anos 2000 – capazes de conduzir a Força Aérea ao lugar de destaque que lhe cabe no panorama militar da Nação, afastando-a dos rumos e dos homens que a usam como instrumento de seus interesses pessoais;

– A **fé** (principalmente na Divina Providência) de que, mercê de seus homens de bem, da idealística descomprometida, do indispensável senso de profissionalismo e do tão desejado retorno aos misteres puramente militares, a Força Aérea de nossos sonhos se torne, cada vez mais, uma realidade inquestionável.

Com os pensamentos voltados para os amigos inquestionáveis, para a Pátria e com a Força Aérea no coração, lhes digo: Adeus! ...nos veremos UM dia...

L. N. Menezes

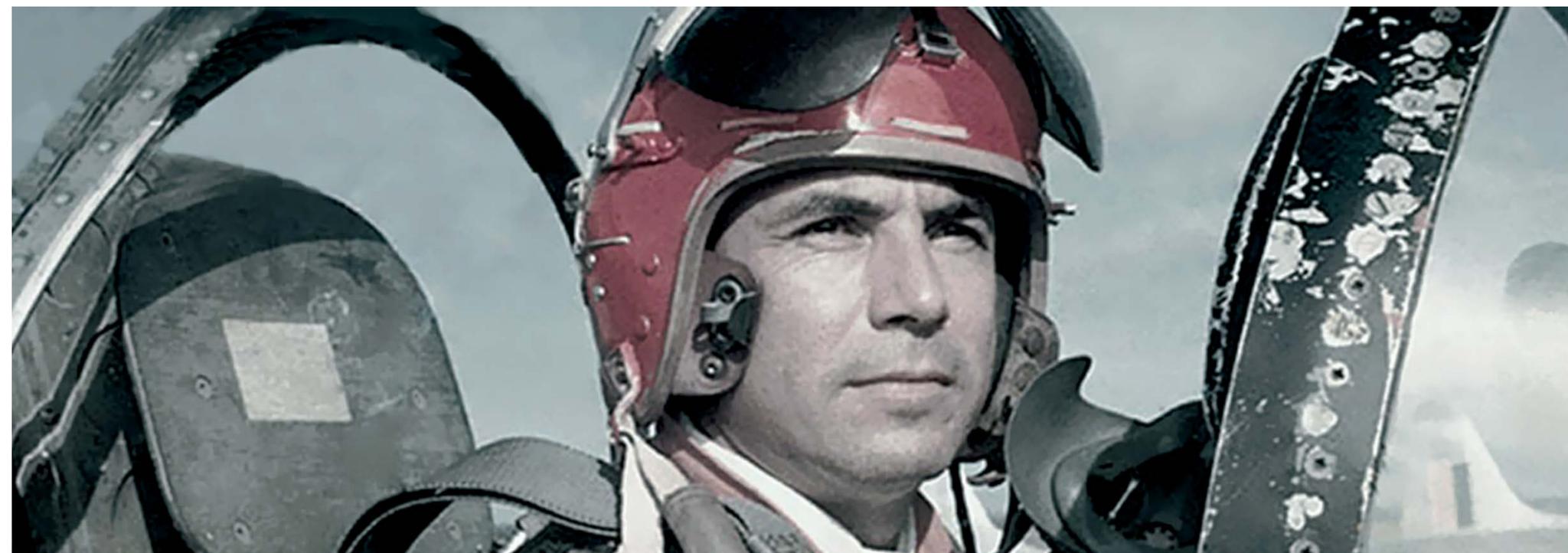
O Maj Brig Lauro Ney Menezes iniciou sua carreira na Aeronáutica, no legendário Campo dos Afonsos, em 1945, e permaneceu no serviço ativo durante 38 anos. Dedicou-se integralmente à vida operacional, em especial, à aviação de caça. Este amor levou-o a conceber, com apoio do saudoso Brig Magalhães Mota, a Associação Brasileira de Pilotos de Caça, sendo seu presidente de 1995 a 2012.

Mas, o lado pesquisador e culto mostrou-se inicialmente no jovem capitão em seu artigo “A Sobrevivência da Força”, publicado em novembro de 1958 na Revista Aeronáutica. Daí para a frente foram mais de 70 artigos publicados na nossa revista.

Foi com grande alegria que o jovem caçador oitentão nos brindou com o ensaio “O Poder Aéreo e seus Teoristas” no auge da sua maturidade intelectual, sendo um exemplo de como aliar prática e teoria em proveito da coletividade, daquela boa árvore que dá bons frutos.

O Maj Brig Menezes deixou, em vida, o texto ao lado, para que o publicássemos *post mortem*, na Revista Aeronáutica.

Cel Av Araken Hipolito da Costa
Editor da Revista Aeronáutica



O PODER AÉREO
e seus teoristas



Ensaíos - 10

Lauro Ney Menezes



Brig Ar Carlos Geraldo dos Santos Porto
portocgs@gmail.com

Como nasceu a BOLACHA de instrutor de voo da Academia da Força Aérea

Para contextualizar a narrativa, é necessário compor o cenário em que foi criada.

Em 1966, o Estágio Avançado da Escola de Aeronáutica era realizado em Pirassununga, no Destacamento Precursor da Escola de Aeronáutica (DPEAer), hoje Academia da Força Aérea. Naquele ano, os cadetes do ar da *Turma Sai da Reta* cursavam o último ano da Escola, e era o terceiro grupamento de cadetes a realizar a instrução aérea nos céus de Pirassununga.

As instalações do DPEAer eram modestas, como se pode observar na foto acima, mas funcionais. Havia também um cinema, localizado no hangar do Setor Este, onde os cadetes aliviavam a tensão e o cansaço impostos pela instrução aérea. Nesse ambiente singular, longe da *Cidade Maravilhosa*, passariam seus dias até a declaração de aspirantes.

Nas sessões de cinema, precedendo o filme principal, eram projetados desenhos animados, e o que mais fazia sucesso era o Pica-Pau, criação de Walt Lantz. O Pica-Pau é um dos poucos per-

sonagens de desenho animado que possui uma estrela na *calçada da fama*.

Outro aspecto a considerar, refere-se à provisão das peças de fardamento ao DPEAer que, devido à distância do órgão fornecedor e às dificuldades de transporte, não atendia plenamente as necessidades dos envolvidos na instrução aérea. Instrutores e cadetes se confundiam: a identificação nos macacões de voo deixava a desejar. Era difícil saber quem era quem ou quem era o quê. As insígnias usadas pelos oficiais eram de metal e colocadas na gola, o que incomodava durante a amarração dos suspensórios no cinto de segurança, ocasionando, até mesmo, ferimentos no pescoço. Para prevenir tais incômodos, as insígnias não eram usadas. Alguma medida deveria ser tomada.

Um dos instrutores, o Tenente Lamounier, Comandante da Classe Sirius, incomodado com tal situação, pediu ao Tenente Gonzaga – de espírito alegre, brincalhão e exímio desenhista – que criasse uma *bolacha* para identificar o instrutor.

Conta-nos o Tenente Gonzaga: – *Esta foi a “bolacha” de Instrutor do então*

Destacamento Precursor da Escola de Aeronáutica – DPEAer – que criei em fevereiro de 1966, por insistência do então Tenente Lamounier, o Lamuca, para substituir uma outra muito sem graça, que era um Cruzeiro do Sul branco em fundo azul. Tenho ouvido histórias interessantes sobre o Pica-Pau. Uma que ouvi várias vezes explica ser o Pica-Pau o símbolo do instrutor, porque, tanto um como o outro, expulsa os filhotes do ninho quando acha que eles estão prontos para alçar voo. Para mim, entretanto, a inspiração foi o próprio Lamuca, que todo dia me enchia a paciência, insistindo: – Como é Zaguinha, bolou ou não a nova “bolacha”? Numa olhada para ele vi o Pica-Pau, e o reproduzi.

A frase (...) “é uma brasa mora”! só existiu no primeiro lote de “bolachas”, do qual acho que esta é a única sobrevivente. A razão da frase era dupla: vivíamos a época de sucesso da *Jovem Guarda*, e “brasa” servia, também, para “qualificar” o piloto ruim de voo. Todo iniciante começava como “brasa”. Parecia engraçado, mas não era, e foi eliminada. Mais um



detalhe: o cachecol do instrutor e o do aluno são amarelos. Amarelo era a cor da classe de instrução Sirius, na qual eu era instrutor. “Puxei a brasa para a minha sardinha”.

Por que Pirassununga está grafado com “ç”? Conta Gonzaga: – *É previsto pela ortografia, que os nomes indígenas que contenham som “ss” sejam escritos com “ç”. Quando fiz a “bolacha”, estavam mudando Pirassununga para Piraçununga, mas não colou, no final valeu a tradição, e Pirassununga conservou seu nome. O mesmo aconteceu com minha Joinville, de quem quiseram tirar o duplo “l”. Ou o “h”, da Bahia.*

Prossegue Gonzaga: – *Assim que o desenho foi aprovado pelos instrutores, pintei várias “bolachas” em círculos de madeira, as quais foram coladas nos púlpitos das salas de briefing, e mandamos fazer um lote, distribuído aos instrutores, e todos passaram a usá-la. A ideia era fazer com que não houvesse retorno, e o novo símbolo fosse adotado pela Academia. Funcionou e está aí até hoje e, cada vez que vejo um Instrutor da*

AFA com ela no peito, sinto uma ponta de orgulho e um mar de saudades de um tempo feliz.

Mais tarde, o Tenente Gonzaga, também exímio piloto, foi selecionado para servir na Esquadrilha da Fumaça, onde serviu durante seis anos, tendo participado de 237 demonstrações.

Atualmente, o Cel Av Ref Gonzaga é integrante de uma esquadrilha de demonstração da Associação Brasileira

de Ultraleves, encantando a todos com sua perícia. A chama do ideal que o acompanhou enquanto esteve no serviço ativo continua brilhando com a mesma intensidade.

Obrigado, Tenente Gonzaga, a sua *bolacha* de instrutor de voo continua ostentada no peito de várias gerações, de ontem e de hoje, perpetuando a beleza e o espírito da tão nobre missão a que o senhor se dedicou! ■



NO TOPO

Quando o Brigadeiro Nunes (João Soares) escreveu seu saboroso livro *No Topo*, pensei: lá se foi a minha história! Porém, como ele não abordou uma das mais emocionantes situações pelas quais os pilotos passam: voar no topo das nuvens, sem apoio do controle aéreo e/ou de instrumentos que permitam uma descida segura, faço-o.

Tudo começou quando, o hoje, Major-Brigadeiro reformado João Gerardo Lopes de Melo, meu colega de turma e protagonista de outras façanhas, convidou-me para irmos do Rio de Janeiro a Ribeirão Preto.

Lembro-me muito bem: estava eu em minha burocrática sala de Diretor do Instituto de Psicologia da Aeronáutica quando ele chega com uma proposta tentadora: – Vamos amanhã para Ribeirão Preto, ida e volta no mesmo dia? Consegui um avião Regente (monomotor fabricado pela Neiva, com poucos recursos de instrumentos e comunicações, aptos apenas para voos visuais). Hoje fiz a readaptação na aeronave e amanhã faço a sua. Decolagem ao nascer do sol, do Galeão.

Topei, com uma restrição. Não irmos direto cruzando por cima da Serra da Mantiqueira, e, sim, pelo Vale do Paraíba, onde o terreno é mais favorável. Na oportunidade relembramos sua anterior queda com um Regente entre as montanhas da Serra do Mar. Ficou perdido por dois dias, passando frio e fome. Certamente para aprender!

Na manhã seguinte, às 5h 45, para espanto do sargento que auxiliava com baterias externas, dois *full* coronéis aboletam-se na cabine do valoroso Regente e partem para Ribeirão Preto: Rota – Visual Via Vale – como foi descrito nas observações do Plano de Voo.

Tudo corria muito bem. Deixamos a Base Aérea de Santa Cruz à esquerda e cruzamos a Serra das Araras. A região é

montanhosa e, próximo a Rezende, encontramos o Vale do Paraíba com muitas cidades e campos de apoio. Passamos por Guaratinguetá e, com alguma dificuldade, vislumbramos a Basílica de Aparecida do Norte. Daí em diante surgiu um nevoeiro que se adensava à medida que prosseguíamos. Lopes passou a segurar o manche com as duas mãos e fazia diversas tentativas para chegar a São José dos Campos. Começou sobre a Via Dutra, prosseguiu baixando até estarmos em um corte da estrada com morro nos dois lados. De repente, do meu lado, o morro acabou. Vi a estrada de ferro; apontei, ele puxou uma curva para a direita e, sobre os trilhos, prosseguimos. A visibilidade piorava, por ali, impossível continuar. Restava o Rio Paraíba. Nova puxada para a direita e, agora sobre o rio, com seus meandros que obrigavam curvas de grande inclinação a baixa altura. Por vezes a visão da água do rio confundia-se com o nevoeiro. Tive certeza de que era realmente impraticável continuar, quando o Coronel Lopes passou a acompanhar cada curva com a língua para fora da boca. Curva para a direita, língua para a direita, curva à esquerda, língua para a esquerda. Conhecido cacoete

de tensão que observo desde os tempos de Cadete, quando ele voava na minha ala.

Em um dos meandros do rio, a curva foi tão grande que quase chegamos à proa oposta. Prosseguimos mais um pouco *no cisca* e, prudentemente, retornamos para Guaratinguetá.

Apesar do frio, estávamos suados. Pousamos e abastecemos total. Teríamos quatro horas de autonomia. Frustrados, desistimos da ida a Ribeirão Preto. Regressaríamos ao Rio de Janeiro.

Como é praxe, na FAB, a pilotagem seria minha e eu faria a readaptação no avião.

Decolado de Guaratinguetá, seguia tranquilo a quatro mil e quinhentos pés.

Logo após Rezende surgiram nuvens

baixas. Um momento de decisão. Seguir por baixo ou por cima? Descartei logo o *por baixo*, o nevoeiro estava colado. A região é montanhosa e, *ciscar* no Vale é uma coisa, *ciscar* entre montanhas nos levaria à Cripta dos Aviadores, no Cemitério São João Batista, com direito a honras militares e choro das viúvas. Não tive dúvida, com a concordância do outro piloto... *por cima!*

E lá fomos nós, acima das nuvens, certos de que as condições meteorológicas do Rio eram as mesmas de quando saímos.

Conforme prosseguíamos, a camada se adensava. Estávamos no temido *voou no topo*. Animava-me pensar que após a Serra das Araras o tempo estaria claro. Quando tudo está ruim, não perca a esperança, ainda pode piorar (*sic* João Carlos Berto). Mas não só a camada continuava densa como também subia e nós subíamos também.

Para os não familiarizados, explico. O Regente tinha algumas particularidades: não possuía sequer um equipamento ADF, ponteiro que indica a direção dos campos. O rádio de fonia só tinha frequência para falar com as torres dos aeródromos para pousos e decolagens visuais, não tinha a frequência do controle de tráfego aéreo, que poderia nos orientar nessas condições.

Continuando mais um tempo de voo, pelo relógio, estimo estar passando pela Serra das Araras. A camada continua compacta, nenhuma brecha. Um pouco além, do lado direito, vejo uma aeronave Boeing 727 da Transbrasil rompendo a camada de nuvens e subindo. Neste tempo eu concorria à escala do Avro. Conhecia bem o tráfego do Galeão. Pela proa da subida do Transbrasil, percebi que utilizava a rara pista 27, indício de chuva, nuvens baixas enfim uma *m...*

Consultei o Lopes: – Estamos sobre o Galeão e temos mais de três horas de autonomia. Proponho tomarmos a proa do mar, voar trinta minutos e baixar, atravessaremos a camada sobre o mar e regressaremos até o litoral. Lopes concordou e só então me disse: – Para a proa do mar, adicione mais vinte graus que esta bússola está descompensada.

Agora a proa do mar estava certa. Sobre a camada sobressaía o Cristo Redentor, de braços abertos, como a dizer: *vocês me aprontam cada uma!*

Logo atrás um paliteiro de antenas das emissoras de TV e Telefonia e, no sopé, junto às antenas, um buraco escuro na camada. Aprovei as antenas e vi o buraco, uma

chaminé de ar quente encostada no morro.

É agora! – pensei – e, com a aprovação do Comandante Lopes, reduzi o motor e mergulhei no estreito buraco, girando o Regente qual parafuso de T-37, torcendo para que a última volta não fosse proa da montanha! E não foi! Daí estar contando esta história.

Ao cruzar a camada junto ao morro do Corcovado entre nuvens estratos e chuviscos, vi o Maracanã passando pela proa. Parei a espiral descendente e no meio de uma chuva fina chegamos ao Maracanã. Do Maracanã ao Galeão, um pulo. Pousei nos primeiros metros da pista 32 e saí da pista em direção à Base Aérea.

Imediatamente Lopes apagou o rádio de contato com a torre que *implicantemente* queria saber se éramos nós, o tráfego desconhecido que tinha percorrido o trajeto da aproximação Galeão desde Pirai, cruzado a terminal RIO e, de repente, próximo ao Corcovado, desaparecera. *Há quarenta minutos que o Controle Rio estava desviando várias aeronaves para evitar colisões, eram vocês...?*

Que injustiça, logo nós, que tranquilamente viemos pela Barra, visual! ■



Wilson R. M. Krukoski
Cel Av
Piloto de Caça – Turma de 1954
wrmkkk@Incc.br

Saldo de 3/4 de T-6, a meu favor

Tive dois eventos com nosso T-6, uma *pilonada* em Fortaleza, no Alto da Balança, e o salvamento de um T-6 na Baía de Paranaguá.

Em Fortaleza

Em dezembro de 1959 eu servia em Fortaleza, no 1º/4º GAV, como instrutor do Curso de Caça e estava hospedado no Cassino dos Oficiais, por ser período de férias.

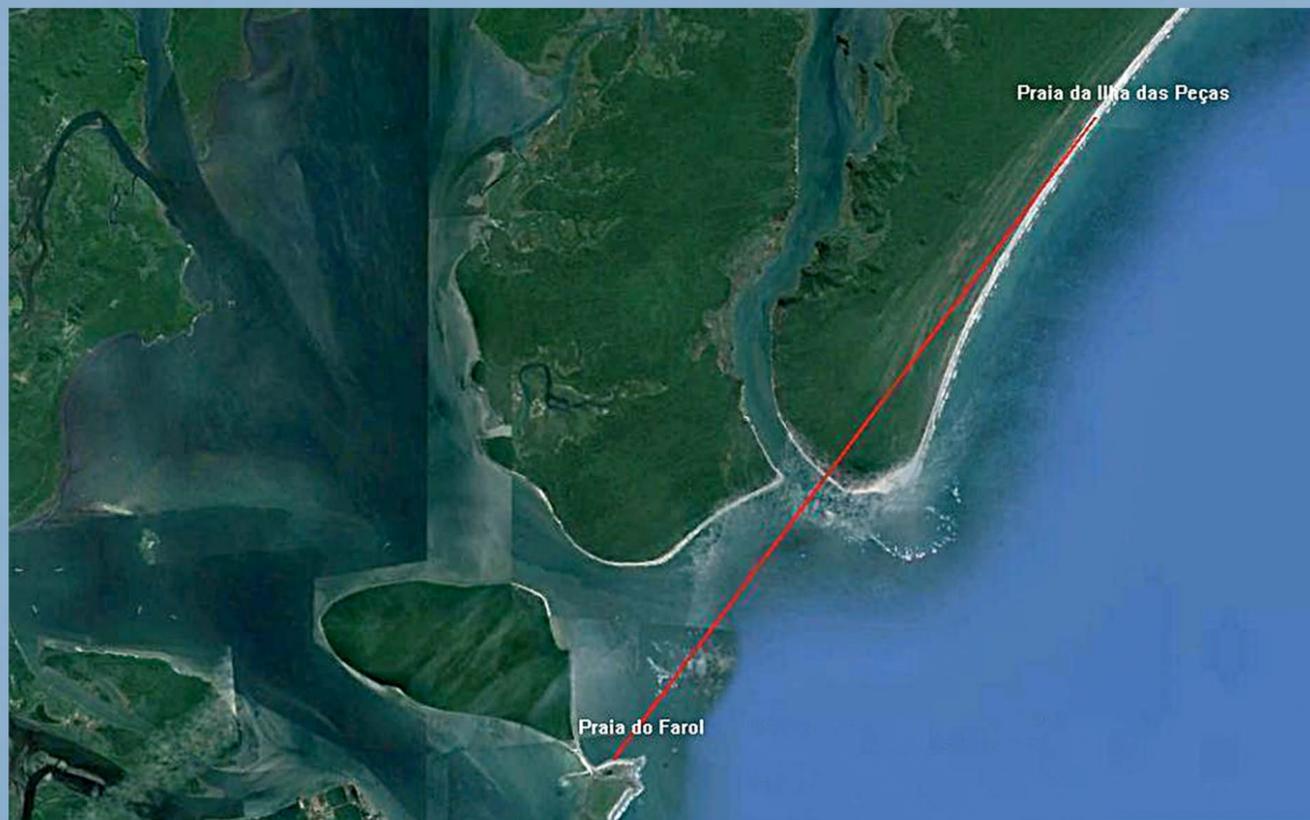
Era um fim de semana, quando no Sul, os acontecimentos da Revolta de Aragarças tumultuavam o País, Veloso, Burnier, Jabu e outros.

Fui convocado para realizar uma missão de busca a um barco que havia pedido socorro. Peguei um T-6 no hangar do Alto

da Balança e segui para o litoral, voando aos mil pés e fazendo uma varredura com linhas paralelas à costa. Quando me afastei um pouco mais da costa, a torre, que mantinha contato com a aeronave, começou a informar que minha transmissão VHF estava falhando e avisou que, por ordem do Comandante da Base (Tanaka), eu não deveria me afastar muito. Era medo que eu voasse para me incorporar aos revoltosos de Aragarças.

Voltei aborrecido e após o pouso rolei até a frente do hangar e fiz daquelas cortadas de motor, a *La Chasse*; freia, corta a mistura e coloca a manete toda para frente. Não é que o motor deu uma última violenta rajada que acabou embicando e enfiando o nariz do avião no solo! Estava plantado o *Monumento à Besteira*.

Na segunda-feira, na Parada Matinal, toda a tropa formada e ali o meu T-6 *empinado*. Quem fez aquela besteira?



Em Curitiba

No ano seguinte fui transferido para Curitiba, EOEIG. Queria voltar às minhas origens no Paraná. Estudar para retomar meu curso de Engenharia, interrompido em 1951, quando, para conhecer o Rio de Janeiro, entrei para os Afonsos e continuava até então, seguindo minha vida de Caçador: 1º/14º Porto Alegre, 2º/5º Natal, 1º e 2º/1º Santa Cruz e 1º/4º Fortaleza.

No Bacacherí eu era o Oficial de Operações da Escola e tinha todas as aeronaves da instrução à minha disposição.

Novamente em um domingo em 1961, chegou a notícia de que uma aeronave da Esquadilha da Fumaça, que se deslocava pelo litoral, havia pousado em uma praia, na Baía de Paranaguá.

Essa região da Ilha do Mel representava toda minha infância e juventude. Eu sempre tive uma obsessão em pousar nas praias. Isto porque, quando era garoto e passava as férias nessa ilha, via seguidamente aviões da FAB fazendo rasantes e pousando nas praias, quase todas com areia firme.

Nesse domingo, um elemento da Esquadilha da Fumaça teve uma pane de ruptura em uma gaxeta da hélice, e o piloto cortou o motor, e por ter de pousar em emergência fora de campo, pousou logicamente sem trem em uma praia na Ilha das Peças; outro avião pousou com trem ao lado e levou o piloto para o Rio de Janeiro, comunicando, por rádio, o ocorrido.

Saí de Curitiba e fui de T-19 até o local. Pousei na praia e constatei que o avião estava em local firme, mas com a subida da maré seria atingido pelas águas do mar. Como conhecia tudo na região, segui até a Ilha do Mel e pousei em uma praia junto ao Farol, que eu sabia ser local onde existiam barcos da praticagem do Porto de Paranaguá. Nessa época, a entrada na Baía era feita por um canal que entrava pelo lado norte da Ilha do Mel.

Pousei lá e pedi ao pessoal da praticagem o apoio para irem de barco até em frente à praia da Ilha das Peças, a fim de me ajudarem a levantar o avião e rodá-lo para

um lugar mais seguro. Quando o pessoal (uns dez homens) chegou, levantamos pela asa o T-6 e colocamos um tambor de óleo em baixo. Juntos, fomos na outra asa e também a levantamos. Ai, entrei no avião e comandeí o baixamento do trem. Pudemos então empurrar o avião até uma parte mais longe da maré.

Voltei para Curitiba e comuniquei o fato à Esquadilha da Fumaça.

No dia seguinte, voltei de T-19 ao Aeroporto de Paranaguá e aguardei a chegada de dois T-6 que vieram com um mecânico e mais um piloto (até hoje não consegui recordar seus nomes). Levei primeiro o sargento mecânico, que providenciou o reparo na gaxeta da hélice e constatou que o motor estava funcionando normalmente; trouxe-o de volta e levei depois o piloto, que decolou da praia e trouxe o avião para o Aeroporto de Paranaguá, levando-o depois para os Afonsos.

Dessa maneira é que conto como estraguei parcialmente (1/4) um T-6 e salvei outro. Estou, portanto, com o crédito de 3/4.

Estética do Desmoronamento

Bolívar Torres
Jornalista

Inspiração para artistas, a 'exploração urbana' revela ruínas das cidades.

Paçato consultor de empresas, Sylvain Margaine se desdobra nas horas vagas: com uma máquina fotográfica a tiracolo, escala coberturas inacessíveis, rasteja por esgotos, investiga, sem medo, edifícios abandonados. Adepto da exploração urbana, a arte de se infiltrar em construções pouco ou nada frequentadas, ele segue a máxima de *estar sempre nos lugares em que não devemos estar*. Desde 1998, este francês morador de Bruxelas fotografou vinte e duas usinas desativadas, dezessete hospitais esquecidos, dez labirintos subterrâneos e outras dezenas de prédios desabitados pelo mundo.

Onde quer que se encontre uma placa de *Não ultrapasse*, lá estará Margaine em busca de boas imagens. Como muitos adeptos da prática, também conhecida como *infiltration* (infiltração), *reality hacking* (pirata da realidade) ou, simplesmente, *urbex*, ele sabe que estruturas corroídas e enferrujadas oferecem possibilidades estéticas incomuns. Largadas há décadas à própria sorte, alheias aos olhares e movimentos do mundo, elas compõem um cenário de decadência e apodrecimento, naturalmente plástico. Nos últimos anos, a beleza desolada e hostil desses lugares, suas cores desgastadas e sua luz fragmentada, se tornaram o tema de um número crescente de artistas, documentaristas e fotógrafos.

– São ambientes que estimulam o inconsciente coletivo, por isso o apelo atual – opina Margaine. É fácil fazer uma foto bonita de lugares abandonados: eles estão enferrujando, apodrecendo, desaparecendo... Há neles uma beleza insuspeita, que está debaixo dos nossos olhos, mas as pessoas não costumam vê-la.

As fotos de Margaine foram reunidas em livros (os dois volumes de *Forbidden Places*, com venda *online*) e alimentam, há quase 20 anos, um site pessoal (*forbidden-places.net*), que permite visitar,

virtualmente, lugares talvez já desaparecidos. Páginas sobre o assunto, aliás, se multiplicam a cada dia na internet (veja lista abaixo), assim como com fóruns para trocar fotos e informações dos espaços visitados.

O fascínio por lugares abandonados não chega a ser novidade. Interessou de Freud a Walter Benjamin, e inspirou artistas como Gordon Matta-Clark nos anos 70 e Steven Siegel, nos 80. O pai de todos os *infiltrators* teria sido o francês Philibert Aspairt, lendário explorador de catacumbas do século XVIII, que teria desaparecido ao se aventurar nos subterrâneos parisienses.

Com a democratização da fotografia digital e as possibilidades de compartilhamento nas redes sociais, criou-se uma cultura e uma comunidade inéditas em torno da exploração urbana, que deram, à prática, uma nova amplitude. Na era da internet, o principal expoente é Ninjalicious, codinome do engenheiro canadense Jeff Chapman. Romântico do *urbex*, ele viveu intensamente a atividade até sua morte prematura em 2005, aos 31 anos, vítima de um câncer raro. Entre seus maiores legados está o livro *Access to All Areas*, guia prático de exploração urbana que se tornou a Bíblia de inúmeros seguidores, como Margaine.

Também fascinado por ruínas, o fotógrafo americano Jason Grant se especializou em registrar estruturas de prédios esquecidos no Texas e na Rússia (as imagens estão em seu *site Nostalgic Glass*). O sentido histórico desses lugares, acredita ele, está em sua vacância e negligência.

– As melhores locações têm uma atmosfera tangível de História em torno delas, mais consistente do que qualquer museu, mesmo que estejam basicamente vazias – argumenta. Elas oferecem uma experiência muito pessoal, exclusiva. Se alguém tornar o prédio seguro, conseguir uma licença e cobrar cinco dólares a entrada, estraga tudo. O desafio de fotografar

esses lugares é construir uma atmosfera adicionando e subtraindo os detalhes certos de maneira a estimular a imaginação. Uma boa foto tem de deixar espaço para o mistério.

Para Grant, as ruínas nos lembram o *reverso da fortuna*, mostram como a crise e a destruição sempre conviveram com a opulência. Nesse sentido, o *urbex* não poderia ser mais contemporâneo. Ao mediar esplendor e decadência, essas zonas paralelas, suspensas no tempo, contradizem uma época marcada pelo efêmero e o transitório. Cidades atingidas recentemente pela especulação imobiliária, como Rio de Janeiro e Paris, buscam eliminar, a qualquer preço, o abandono e a degradação de sua paisagem. Mas há quem veja nessas cicatrizes urbanas um antídoto à perfeição estéril de certas construções.

– O fetiche pela ruína é algo próprio do nosso momento, especialmente em uma cidade que se transforma radicalmente em função de grandes eventos – avalia João Paulo Quintella, curador de *Permanências e Destruições*, projeto de Arte Pública do Oi Futuro – que levou artistas a ocupar cinco pontos do Rio de Janeiro fora de uso, como uma estamparia em Benfica e a piscina de um edifício em Santa Teresa.

Para Quintella, a ruína não inspira apenas saudosismo, mas também estimula a refletir sobre a mudança e suas razões.

– Esses espaços com erosão latente criam um descontrole atemporal, uma tensão entre o que é e o que foi. Remetem à nossa dificuldade em lidar com a velocidade do tempo, de ultrapassar etapas da vida. Há uma atração muito forte, porque eles falam sobre o fracasso. As falhas humanas estão ali, mas perduram. Em uma época em que se quer cortar faixa à exaustão, em que projetos somente se vendem se forem novos, em que o velho não pode ser aproveitado, o simples fato de algo abandonado resistir é muito potente ■



Ozires Silva
Cel Av
Engenheiro aeronáutico e fundador da
Embraer

O conhecimento e a competência

Não sabemos, e provavelmente jamais o saberemos, como este Planeta, no qual vivemos e é fabuloso sob todos os ângulos, foi realmente criado. Sua concepção e funcionamento asseguram resultados incríveis das coisas da Natureza.

Tudo isto, para acontecer, deve ter levado milhões ou bilhões de anos e também jamais saberemos como ocorreu... e por quê! E quanto mais avançarmos para o futuro, mais e mais realizações acontecerão, com crescente rapidez, pois as mudanças ensejadas pelas transformações e conhecimentos básicos estão se processando por fantásticas velocidades em todas as atividades e direções. Por trás de tudo está a propulsão do crescente interesse pelas fronteiras do conhecimento, que se expandem enormemente. É difícil antecipar para quais horizontes caminhamos ou aos quais chegaremos!

Os conhecimentos tecnológicos desenvolvidos por equipes competentes têm demonstrado que sempre foi e será possível fabricar e oferecer produtos e serviços novos e inovadores, a custos menores, com melhores níveis de adequação, desempenho e qualidade. Assim, para a luta e obtenção de resultados positivos, dependemos de equipes de trabalho competentes e capazes de identificar

oportunidades no futuro. E a figura do consumidor surge como propulsor dos desafios a enfrentar.

A intensidade da geração de conhecimentos criou mecanismos importantes que colocaram desafios aos governos e às organizações, obrigando a se repensar seus modelos, projetos de atuação ou modos de fazer negócios. As grandes empresas, as mais ricas e poderosas, que possuem recursos financeiros significativos, não têm mais garantido o primeiro lugar, somente por condições meramente materiais.

Na atualidade, uma organização pequena e flexível pode superar outras maiores, desde que conte com o empenho de novas técnicas de pesquisas e desenvolvimento de processos capazes e competentes para gerar e absorver conhecimentos, produzindo resultados. Dentro deste contexto, a economia globalizada tornou-se dominante, controlando e impondo regras para as economias domésticas dos mais diferentes países, de uma forma como nunca se viu no passado.

Do lado dos Governos, parece existir uma letargia ou um extremo conservadorismo. Fica a impressão de que a expressiva maioria das nações e das populações não imagina que melhores resultados são,

não somente possíveis, mas vitais para proporcionar progressos crescentes.

Desta forma, está sob desafio aquilo que entendíamos como economia nacional – fronteiras geográficas separando países por um complexo emaranhado de leis, regulamentos e regras, limitando as comunicações e os fluxos de pessoas, produtos e serviços. Políticas de êxito no passado, centralmente exercidas pelo poder político, como protecionismo e reservas de mercado, não mais encontram espaço no cenário no qual o Mundo já está.

Os empreendedores modernos precisam olhar o futuro tentando usar todas as ferramentas que a tecnologia e a cultura lhes permitam. Não há escolha. Deste modo, qualquer sociedade moderna, composta por populações, instituições e todo o aparato que apoia o desenvolvimento humano, tem pela frente desafios e um grande trabalho, buscando preparar dirigentes e investidores para serem melhores, em qualquer lugar, país ou região do Globo em que estejam. E na base de tudo estão a competência e os altos níveis de conhecimento e de aptidão para mudar, em um ritmo que é ditado pela imensa maioria das pessoas deste mundo moderno, que não se cansa, nem cansará de aceitar as inovações com a velocidade que se apresentarem! ■

Usinas Termelétricas devem ser a Base do Sistema elétrico brasileiro

O atípico ano hidrológico out. 2013/set. 2014 encerrou seus últimos dias com os reservatórios das usinas hidrelétricas da Região Sudeste em situação crítica. Ilha Solteira (SP), por exemplo, um dos maiores reservatórios do setor elétrico, esgotou o volume útil e esteve às voltas com disputas jurídicas com outros usuários da água. A apreensão com a segurança do suprimento de energia elétrica em 2015 é grande. O risco de um racionamento de energia é real.

A discussão é sobre o que nos levou a essa situação e o que podemos fazer para não vivenciarmos no futuro situação de insegurança energética tão aguda. Inicialmente, é preciso reconhecer que, de fato, a Região Sudeste foi submetida a uma anomalia macroclimatológica rara. A estação chuvosa (out/mar) é uma das mais secas do histórico. Em algumas bacias hidrográficas, seguramente a mais seca.

Anos hidrológicos medianos no período anterior ao episódio crítico de

2013/2014 potencializaram os efeitos negativos para o setor elétrico brasileiro. Já não vínhamos bem das pernas. Os reservatórios de acumulação do Sudeste já vinham cumprindo sua missão. Estavam sendo esvaziados para atender a demanda energética com a desejada modicidade tarifária.

A indagação que se faz é se o sistema é mal operado ou se há um problema estrutural no setor elétrico.

Afinal, entra ano e sai ano e volta e meia passamos sufoco. O que ocorre afinal? Olhando pelo lado da operação é difícil apontar uma barbearagem do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS). O que constatamos é justamente o contrário. Nossa operação tem reconhecimento internacional por sua excelência. O Brasil desenvolveu tecnologia de ponta no planejamento da operação de sistemas hidrotérmicos e somos um grande exportador de *software* nesta área.

O comentário desfavorável à operação que ocorre com mais frequência diz

respeito ao esforço tímido do ONS na identificação e denúncia das garantias físicas infladas em circulação. Há indícios de que muitas usinas do sistema interligado não entregam o que prometem. Não obstante, no ano passado, a operação feita pelo ONS foi espetacular. Alcançar em setembro um percentual da ordem de 30% para o volume útil do reservatório equivalente da Região Sudeste foi um feito admirável dadas as circunstâncias da hidrologia.

Todavia, esse êxito teve um custo operativo muito elevado, que o setor elétrico brasileiro não estava, e a verdade é que nunca esteve preparado para suportar. O sobrecusto é da ordem de dezenas de bilhões de reais e estamos a constatar que operar usinas termelétricas continuamente (operação na base, no jargão do setor) é uma situação desestruturante para o setor elétrico brasileiro, e, portanto, um problema estrutural do setor.

Assombrados pela possibilidade de haver vertimento de vazão turbinável

nas usinas hidrelétricas, o que seria julgado como imperícia operativa, crime econômico etc., as diferentes gerações de formuladores da expansão do setor elétrico brasileiro imaginaram um parque termelétrico flexível. O seguro perfeito.

Naqueles raros períodos hidrológicamente desfavoráveis, quando os reservatórios ficam com pouca água, o despacho das termelétricas faria a complementação da geração. O desenho intrínseco considerava que essas usinas funcionariam, quando muito, 30% do tempo.

Olhemos, agora, o modelo atual de seleção de usinas em leilões para a expansão do sistema. O Índice de Custo Benefício (ICB) criado para equalizar no certame projetos hidrelétricos remunerados pela energia, com projetos termelétricos remunerados pela capacidade. Trata-se de construção engenhosa, mas que faz mais do mesmo... De fato, o projeto termelétrico bom, competitivo, é aquele que prioriza a flexibilidade. Enfim, o

moderno ICB carrega no seu DNA a velha percepção de que usinas termelétricas são para complementar a geração hidráulica em situações hidrológicas adversas.

Ora, isso tem um efeito colateral danoso. Quem já negociou um contrato de suprimento de combustível para projeto termelétrico sabe o sofrimento que é falar para o produtor que deseja um contrato de longo prazo, com entrega firme, disponibilidade contínua, porém com compra efetiva em apenas curtos intervalos de tempo. Quando não enxotado, o investidor alcança um contrato, obviamente, caro. A termelétrica com custo operacional elevado acaba por ser inútil para manter os reservatórios em níveis elevados.

A inquietação acerca do suprimento energético em 2015 certamente promoverá alguma reforma na metodologia de seleção dos projetos. Como dizem os jovens, em algum momento a ficha vai cair. A segurança energética do País não pode ficar presa às glórias passadas, quando os reservatórios de acumulação do setor

elétrico propiciavam enorme capacidade de regularização. Precisamos de usinas termelétricas de grande porte operando na base com custo operacional compatível, e é importante enfatizar que essa ação não é conflitante com a ideia, um tanto otimista, de voltarmos a implantar hidrelétricas com reservatórios de acumulação.

Há muito a crescer. O desafio maior é vencer a exagerada repulsa ambientalista às fontes térmicas clássicas: carvão, gás natural e nuclear. Ah! E explicar que a energia eólica e a solar são contribuições bem-vindas para mitigar o problema, mas na devida proporção. Fontes intermitentes, se construídas indiscriminadamente, não diminuem a insegurança energética e tornam a discussão em tela circular.

O correto planejamento da expansão dessas fontes tem precisamente como base a disponibilidade da geração termelétrica clássica ou de acumulação de energia (hidrelétricas com reservatórios), que possam firmar essas energias intermitentes ■



Academia Norte-Riograndense de Letras

No entardecer de 6 de novembro de 2014, o Grupo Pensamento Brasileiro adentrou a Academia Norte-Riograndense de Letras, para seu último compromisso cultural, na cidade “Trampolim da Vitória”.

Não imaginávamos que os quase três dias de visita àquela cidade nos marcariam tanto e, menos ainda, que, naquela casa de Saber, magicamente, seríamos transportados à intensa sensação de saudades antecipadas. No dia seguinte, retornaríamos ao Rio de Janeiro, “grávidos”, não só dos conhecimentos adquiridos, mas de encantamento, pela fidalguia e pelo aconchego com que fomos recebidos, em cada parada de nosso roteiro.

Fomos recebidos por seu Presidente, o Doutor Diógenes da Cunha Lima que, de imediato, fez-nos sentir em casa; à vontade. Nada de formalidades. A espontaneidade e uma alegria de velhos conhecidos nos envolveram de pronto, e nosso Grupo logo se acomodou na sala de reunião dos acadêmicos, para ouvir a história do Templo das Letras dos norte riograndenses.

Dessa forma, tomamos conhecimento de que nos anos 30, na “cidade dos poetas”, um grupo de intelectuais, sob a liderança do antropólogo e jornalista Luís da Câmara Cascudo se articulava, no intuito de fundar uma academia que aglutinasse os talentos intelectuais da terra. Só que, na intenção e aspiração, o objetivo da tal entidade, iria muito além. Sua proposição seria

fazer-se ponte, ponte de luz e saber, unindo uma elite intelectual àquilo que constitui a essência de um povo: sua Cultura Popular.

E, em 14 de novembro de 1936, Cascudo e seu grupo alcançaram tal intento. A Academia Norte RioGrandense de Letras foi fundada! De início, passou a funcionar no Instituto de Música, até que sua sede fosse construída e inaugurada, fato que se deu em 23 de janeiro de 1976. Mas, vale dizer que, bem antes de sua inauguração, os Acadêmicos se reuniam nos espaços prontos ou improvisados de sua futura sede.

Seu primeiro presidente foi o poeta, teatrólogo, escritor e político Henrique Castriciano de Souza, um dos intelectuais mais cultos de todos os tempos do Rio Grande do Norte. Luís da Câmara Cascudo assumiu a função de Secretário Geral. E, em sessão de 27 de abril de 1937, foram definidos os 25 fundadores e a escolha dos seus respectivos patronos.

A relação desses patronos constitui um orgulho à parte, para os Potiguares, posto nela constarem nomes de heróis, como o do Padre Miguelinho, revolucionário brasileiro, participante da Revolução de Pernambuco de 1817, fuzilado em 12 de junho desse ano; Almino Afonso, político e grande tribuno; Padre João Maria - tido como o santo de Natal; Augusto Severo - balonista e um dos pioneiros da Aviação; Ferreira Itajubá, poeta; Auta de Souza - poetisa, falecida antes dos 25 anos, irmã de Henrique Castriciano e do jornalista e

político Eloy de Souza, autora da obra ‘Horto’, prefaciada por Olavo Bilac; Nísia Floresta Brasileira Augusta, poetisa e professora, tida como a primeira literata do Brasil, que em 1932 publicara a respeitada obra “Dos Direitos das mulheres e da injustiça dos homens”.

A Academia Norte RioGrandense de Letras, se ufana de seu pioneirismo na admissão de duas mulheres – Palmira e Carolina Wanderley; em seu quadro de fundadores; de três patronesses: Nísia Floresta, Isabel Gondim e Auta de Souza, e da presença de um mulato, na pessoa de seu primeiro presidente Henrique Castriciano, numa época em que sequer se tocava no assunto “emancipação feminina” e em direitos iguais para os negros e seus descendentes.

Honrando o lema ‘*ad lucen versus*’ – rumo à luz – de autoria do Padre Monte, um dos membros fundadores, a Academia é atuante, vibrante, empreendedora. Seu compromisso com as letras vai além dos poemas e livros. Ela chama para si a arte, as tradições culturais e o folclore em suas múltiplas manifestações. Dentro desse espírito, a Academia promove encontros de poetas de literatura de Cordel e de Repentistas, em sua sede, apoia os dançarinos do Coco, das Emboladas, dos Pastoris e de toda e qualquer representação cultural que preserve as tradições da terra dos bravos guerreiros Potiguares.

Por se tratar de uma Organização Não



Governamental, é mantida com recursos de seus participantes e colaboradores.

Segundo seu presidente, uma de suas bandeiras é a da defesa da preservação dos nomes históricos de órgãos públicos, cidades, logradouros, pontes, avenidas, ruas. O modismo da substituição de denominações eivadas de significados ou do favorecimento ao esquecimento delas, por nomes atuais, não encontra apoio entre os acadêmicos.

Exemplo atual é o engajamento na preservação da memória do macaibense Augusto Severo, nome do Aeroporto Internacional de Natal, há pouco mais de um ano, desativado. Consta que, agora, sob a administração do Comando da Aeronáutica, será construído no local, um museu que, segundo alguns, receberá tão honrado nome.

Outra vertente de atuação da Academia é o contato com a juventude estudantil. Cursos e palestras são ministrados por seus acadêmicos, obras são doadas a estudantes, concursos literários são promovidos e a implantação de programas, como

“Academia para jovens”, dentro das próprias instituições de ensino, é incentivada. Tais núcleos enaltecem a busca do Conhecimento, desenvolvem o comprometimento com o estudo acadêmico e despertam o senso de pertencimento e valorização da Cultura ao qual o estudante Norte RioGrandense está inserido. Mais de doze desses núcleos estão atuantes em estabelecimentos de ensino público e privado.

Mas, a Academia, também pensa e batalha pela realização de projetos que enalteçam a cidade. No momento, o foco está na intenção de que seja construído um enorme sino, um sino que, preso a um “gavião”, avance sobre o mar (na Ponta do Morcego), e que represente a capital dos Potiguares. Segundo o Dr. Diógenes, esse sino não tocaria, não vibraria em badaladas, porém, ao entardecer, ouvir-se-ia no seu entorno, a música das grandes catedrais do mundo, tal como a de Notre Dame, Chartres, Westminster, Saint Paul, e tantas outras, ratificando a vocação dos norte riograndenses de acolhimento ao que vem de fora e na aceitação do diferente!.

Ao final de nossa visita, tivemos a satisfação de apreciar a arte do escritor e cordelista Francisco Martins que nos apresentou seu “Mané Beradero”*, boneco falante, feito de enchimento e pano, proseador, cheio de conversa fiada, provocador, contador de piada, propagador de *zum zum* e de críticas sociais. Um ser do povo, das praças, das feiras, adorável personagem, bem ao gosto do folclorista Câmara Cascudo que, com satisfação e carinho, aplaudiria a presença do popular na casa de erudição por ele fundada.

Em nossa saudação de agradecimento, inserimos uma das estrofes da música “Despedida”, do cantor Roberto Carlos que muito bem definia o estado emocional do Grupo Pensamento Brasileiro:

‘Tã chegando a hora de ir / venho aqui me despedir e dizer / que em qualquer lugar / por onde eu andar / vou lembrar / de VOCÊ...

‘VOCÊ’ representava Natal, sua gente, sua magia, seu jeito doce de ser ■

*Beradero – matuto. O mesmo que caipira, no Sudeste. (grafia com um ‘r’ só).



QUANDO DEUS NÃO QUER...

Maj Av Ivan de Lanteuil

Sócio Fundador e Benemérito
do Clube de Aeronáutica
gtiradi@yahoo.com.br

25 de Outubro de 1965

Não creio que exista um aeronauta e, principalmente, um piloto que, durante toda a sua vida profissional, não se tenha envolvido em uma situação operacional, com uma série de variadas dificuldades e consequências, mas, sempre, consideradas como um fato rotineiro, que, após as medidas decorrentes, serão esquecidas pelo decorrer do tempo. Eu, obviamente, me incluo entre estes.

Entretanto, atendendo aos insistentes apelos de amigos e companheiros de longos anos na Força Aérea, ao me aproximar dos 92 anos de idade, resolvi relatar um fato ocorrido comigo no dia 25 de outubro de 1965, durante um voo realizado no C-41 2912, o “célebre jatinho Paris”, birreator do Grupo de Transporte Especial (GTE) do Gabinete do então Ministro da Aeronáutica.

A Ordem de Missão estabelecia um voo de treinamento para o Ten Cel Av Francisco de Assis Lopes, transportando um Oficial General do Exército e um Cadete da Aeronáutica, do Aeroporto Santos-Dumont (GTE Rio) para a Acade-

mia da Força Aérea, em Pirassununga.

O dia amanhecera com o céu azul e o sol típico de um dia de verão. A expectativa era de um voo que nos iria proporcionar esplêndidas paisagens ao longo das regiões montanhosas da rota, principalmente, pela transparência e amplitude do “canopi”, que abrangia toda a extensão circular dos assentos dos tripulantes e passageiros. Foi lembrado ao piloto em instrução, que a viagem seria, na ida, por VFR, numa etapa direta até Pirassununga, devido às excelentes condições meteorológicas na rota, o que nos permitiria ver as paisagens das serras durante todo o voo.

Durante o *briefing* foi ainda ressaltado que, em decorrência do verão, toda a área montanhosa que iríamos voar, na parte da tarde, seria afetada por densas formações meteorológicas e possíveis chuvas, que afetariam, sobretudo, o nosso voo e, principalmente, esse tipo de aeronave, recomendando, portanto, que retornássemos ao Santos-Dumont, por IFR, pelo litoral.

Almoçamos na Academia e após, sem passageiros, reiniciamos o voo. Fomos autorizados a decolar e prosse-

guir até Campinas por VFR e, a seguir, com Plano de Voo IFR, pela Âmbar 6, aprovado para o Santos-Dumont, como havia solicitado.

Antes de atingir o través de São José dos Campos, que se encontrava com uma camada de 8/8 de nuvens a uns 8.000 pés, constatamos formações de nuvens cúmulos nimbus bem acentuadas que se estendiam ao longo das serras por onde havíamos passado. Voávamos a cerca de 22.000 pés de altitude, sem qualquer turbulência e bem afastado do topo da camada que atingia a aerovia Âmbar 6. Essas condições permitiram ver que as formações meteorológicas sobre São José dos Campos se dissolviam nas proximidades do litoral, que se encontrava com o céu praticamente azul.

Momentos após o través de São José dos Campos começaram a surgir os nossos problemas. Estava no assento da esquerda pilotando a aeronave e o Lopes fazendo a navegação e as comunicações.

Abruptamente, sem que qualquer anormalidade houvesse ocorrido, a aeronave foi jogada para cima e para

baixo, com contorções indescritíveis, passando a “espernear” de modo contínuo, descendo e rodopiando em torno de seu eixo, o que de imediato e instintivamente me fez reduzir a potência das duas turbinas e acionar o *flap* de mergulho.

A situação estava realmente incontrolável. As anormalidades prosseguiram durante uma descida espiralada e desgovernada, com um ruído ensurdecedor que parecia estarmos dentro de um tambor de gasolina, descendo em rua construída por paralelepípedos.

Durante essa inusitada situação, constatei que havia sido jogado para trás do meu assento e o Lopes, atordoado, permanecia em sua posição. Este fato que me causou muita perplexidade, só posso atribuir a que, em decorrência da desgovernada e incontrolável situação, tenha, inadvertidamente, tocado ou soltado o cinto de segurança; por ser extremamente exigente na execução dos cheques e procedimentos, principalmente em um voo de instrução. Lembro, perfeitamente, que, nesse momento, um fato ocorreu. Vi, perfeitamente, uma imagem que associei a

Deus e, não tenho dúvidas de que era Ele. Perguntei a Ele o que havia feito de errado, para nos colocar naquela situação, uma vez que sempre fui muito rigoroso na execução dos procedimentos e nas precauções, quanto às possíveis anormalidades. E, embora não possa recordar particularidades sobre esse contato, abruptamente, consegui retornar ao meu assento. A minha mãe havia falecido há cerca de dois meses.

Só posso conceber que os reflexos que guardei dos ininterruptos voos de instrução que rotineiramente realizava, tenham-me ajudado. O velocímetro, com o ponteiro colado na posição de velocidade máxima do instrumento; o horizonte artificial inclinado e oscilando; o *turn and bank*, com a bolinha deslocada para um de seus extremos; e o altímetro movendo-se continuamente, compunham a cena do painel dos ins-

trumentos. Além do exposto, constatei que o meu banco havia se deslocado, impedindo a movimentação do manche.

Instintivamente, comecei a acionar, sem interromper, o comando do compensador localizado na cabeça do manche, o que resultou no imediato decréscimo da velocidade. Não posso precisar qual foi, exatamente, a sequência das atitudes adotadas, mas lembro que procurei colocar a “bolinha” no meio, o que resultou no nivelamento do horizonte artificial. A partir daí, surgiram fatos que jamais poderei esquecer. Com a velocidade baixando e com o horizonte artificial normalizado, saí repentinamente das nuvens, voando abaixo da camada, desviando de morros onde alguns animais pastavam.

Na pressuposição de que sabia onde estava, tomei o rumo do litoral, quando, progressivamente, constatei

diversos fatos. Como a velocidade baixava, tive que acionar as “manetes” das turbinas, que foram reduzidas quanto a abrupta turbulência começou. Constatei que uma das turbinas atendeu de imediato, mas a outra não, o que motivou dar nova partida, resultando num estrondo muito violento e jatos de fogo saindo pela frente e pela parte de trás dessa turbina. De imediato desliguei a turbina e prossegui para o litoral, abaixo da camada, em condição monomotor. Posteriormente deduzi que o ocorrido, possivelmente tenha sido motivado pelo fato de não ter desligado as duas bombas de combustível tão logo perdi o controle da aeronave.

Ao me aproximar do litoral, avistei o aeroporto de Ubatuba, que, para minha surpresa, estava em obras e com caminhões na pista. Prosseguimos para o Rio pelo litoral, sobre o mar, a 2.000 pés de altitude, com boa visibilidade e abaixo de algumas nuvens. No trajeto, procurei contato rádio, emitindo inclusive uma mensagem de *may day*, quando verifiquei que a antena e a bússola estavam contorcidas, mesmo assim, a mensagem foi transmitida. Um dos meus sapatos foi localizado, posteriormente, no bico da aeronave e estava danificado. O Lopes amarrou um lenço na minha cabeça que estava com um calombo na testa, mas ele, felizmente, não manifestou nenhum aparente ferimento.

Prosseguimos a 2.000 pés e, nas proximidades da Ilha Grande, as nuvens

se dissiparam e as condições do tempo passaram a CAVOK. Como a nossa posição em relação aos aeroportos de Santa Cruz e Santos-Dumont era praticamente a mesma, resolvi prosseguir para o Santos-Dumont.

No tráfego do aeroporto não vi nenhuma aeronave, mas, pelo vento reinante, constatei que a pista em uso era a proa sul. Na perna do vento e reta final para a pista 20, oscilei as asas e recebi luz verde para pousar. Entretanto, fui surpreendido com algumas viaturas na pista, aparentando que a pista estava em manutenção. Prossegui e fiz um pouso curto na pista paralela, considerada auxiliar e usada para a rolagem de aeronaves, com a assistência de bombeiros e ambulância. No hangar do Grupo de Transporte Especial, soubemos que a Torre de Controle do Santos-Dumont, concedora do nosso plano de voo, já havia incluído a nossa aeronave na Fase de Incerteza, em decorrência dos atrasos ocorridos nas proximidades de São José dos Campos e, ainda, constatado, que a aeronave, quando na perna do vento tinha as cores e o número de sua estrutura, parcialmente apagados.

Fui encaminhado para o Hospital Central da Aeronáutica, onde permaneci alguns dias e onde foi assinado o Certificado de Origem. Para termos uma ideia do ocorrido, transcrevo, sintetizando, algumas das lesões constatadas: “contusão no crânio; ferida contusa no couro cabeludo; hematoma e escoriações ao nível frontal; hematoma óculo-palpebral esquerdo; contusão na região dorsal

com irradiação para a região precordial e para o membro superior esquerdo; lombalgia pós-traumática; ferida contusa da região tibial anterior e escoriações generalizadas”.

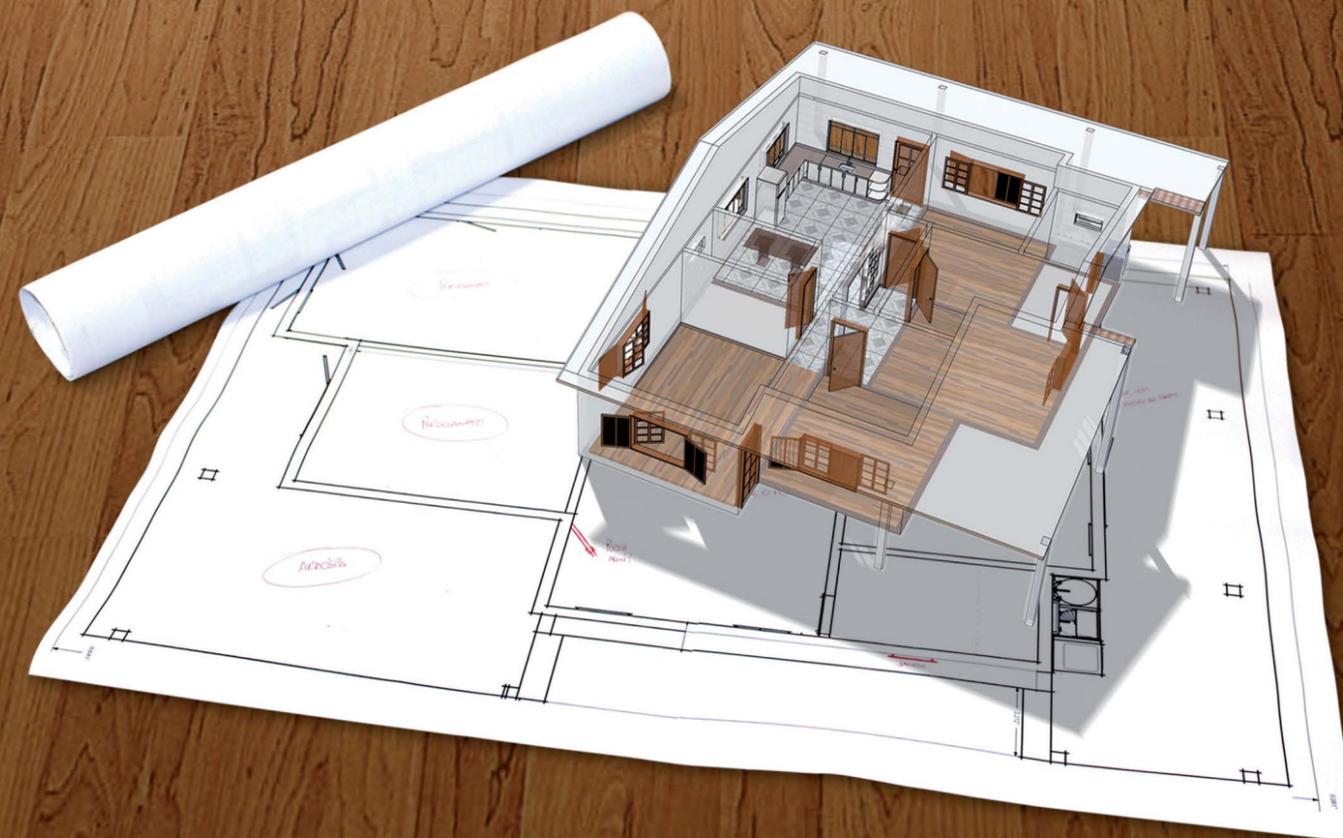
A aeronave foi enviada para o Parque do Campo dos Afonsos, onde ficou por longo tempo. Após estes fatos, fui submetido aos exames do CEMAL, tendo sido liberado para o voo. De imediato, solicitei que fosse escalado para um voo, que foi realizado pelo litoral para o Nordeste, com muita chuva, tendo decorrido sem alterações.

Mas afinal, vem a pergunta: qual foi o motivo desse incidente, uma vez que, com plena convicção, todo o planejamento, o voo e a instrução foi rigorosamente executada?; bem como... por que, diante do que foi relatado, as asas e demais estruturas da aeronave suportaram tamanhos esforços? Sem dúvida, posso admitir que a aeronave Paris tinha uma estrutura realmente muito sólida, por não ter suas partes vitais, suas asas, deriva e comandos decepados.

Na época, me informaram que, possivelmente, tenha penetrado em uma “turbulência de céu claro” (CAT em inglês), muito comum em alguns segmentos do trajeto Rio, Buenos Aires, Rio, e impossível, na época, de ser identificada previamente.

Sem a menor dúvida, não era o meu dia. Deus que nos ilumina e está sempre presente ao nosso lado, assumiu o controle da aeronave e evitou que esta se chocasse com o solo ■

Com a POUPEX é assim, você decide adquirir a sua casa própria e, quando menos espera, o sonho sai do papel.



Aquisição de imóvel residencial ou comercial, novo ou usado, construção de imóvel residencial e para aquisição de terreno e de material de construção com as melhores condições e agilidade na liberação do crédito.

Mais informações: 0800 61 3040

Financiamento Imobiliário

ESCRITÓRIO REGIONAL DA FHE NO RIO DE JANEIRO - ESCRJ

Palácio Duque de Caxias - Ala Cristiano Ottoni (PDC) - Centro - 20221-260
Rio de Janeiro-RJ - Fone (21) 2253.8395 - Fax (21) 2253.0860

www.casapropriapoupex.com.br

POUPEX

